CORTES CONSTITUINTES

CARTA DE 1822

OS HEROES DE 1820

MANOEL FERNANDES THOMAZ

N.º 1

Avulso 60 réis por assignatura 50 réis

ASSIGNA-SE E VENDE-SE NA

TYP. MINERVA CENTRAL

14 LARGO DO PELOURINHO 15

LISBOA

REVOLUÇÃO DE 24 D'AGOSTO

JUNTA DO PORTO

MANOEL FERNANDES THOMAZ

O mais levantado acto de justiça que depois de 1640 presenceou Portugal foi a revolução liberal de 1820.

O paiz não podia chegar a maior grau de aviltamento, nem podia ser mais odioso o cortejo de crimes e de sangue que acompanhava o absolutismo na sua passagem nefasta.

Não repousava ainda o brioso povo portuguez d'essa lucta titanica, em que pozera á prova toda a força do seu braço e toda a luz do seu cerebro para repellir energicamente as hostes insolentes e invasoras do primeiro Napoleão, e em vez do premio que seria devido ao seu alto heroismo, devido áquelles que tanto haviam batalhado, e tanto sangue tinham vertido em nome da patria, em vez d'esse premio que seria a recompensa de tantos serviços feitos, qual foi a corôa d'esses trabalhos, qual foi o pagamento d'essa divida, qual foi o reconhecimento d'essa heroicidade?

D. João VI, em 1808, abandonava o *seu povo* ao inimigo fugindo para o Brazil e deixando-nos entregues ao regimen da chibata, que o general inglez Beresford podia applicar á sua vontade; á frente do paiz ficava uma regencia de aulicos e idiotas que simplesmente por alimentar suspeitas de que se andava constituindo um governo revolucionario mandava executar barbaramente, summariamente, a 18 de outubro de 1817, o honrado general Gomes Freire e as victimas que foram decapitadas e queimadas no Campo de Sant'Anna.

Foi tudo isso, o sangue ainda quente d'essa horrivel carnificina, a voz d'esses pobres heroes, pedindo vingança do alto do patibulo, o desejo honrado de esmagar para sempre o despotismo inglez, a necessidade de castigar d'uma fórma severa e patriotica o acto do rei poltrão que não só fugia ao perigo quando elle se approximava, mas ia ainda preparar lá fóra a independencia do Brazil que era a mais opulenta das nossas colonias, a escravidão em que todos viviam, a alta necessidade emfim de tirar uma desforra, preparar a liberdade e crear uma nova era, foi tudo isso que originou essa revolução de 1820, que teve para comprehendel-a e para dirigil-a esses vultos que se chamaram José Ferreira Borges, José da Silva Carvalho, João Ferreira Vianna, e todos esses nomes gloriosos e benemeritos acima dos quaes se ergue ainda pela finura da intelligencia e pelo mais subido patriotismo, o nome venerando de **MANOEL FERNANDES THOMAZ.**

A 30 de junho de 1771 viu a luz pela primeira vez, na Figueira, o grande patriota. Depois de ter seguido com distincção o curso de humanidades, matriculou-se na Universidade, onde concluiu os estudos juridicos, recebendo em 1791 o grau de bacharel na faculdade de canones.

Não obstante os conselhos incessantes da sua familia e dos seus amigos, que com elle instavam para que seguisse a carreira ecclesiastica, Fernandes Thomaz, apezar do futuro brilhante que essa carreira offerecia ás intelligencias como a sua, optou pelos estudos juridicos e de tal forma lhes consagrou os seus talentos, robustecidos dia a dia no estudo dos mestres e no convivio com os homens mais doutos do seu tempo, que em 1815 publicava um trabalho erudito—dois volumes sobre *Direitos dominicaes*, seguindo-se-lhe ainda n'esse anno o *Reportorio geral das Leis Extravagantes do Reino de Portugal*.

A par d'estes valiosissimos trabalhos, nunca se recusou aos serviços que do seu civismo os seus conterraneos exigiam. Assim, nomeado em 30 d'agosto de 1792 *Syndico e Procurador Fiscal* do municipio da sua terra e sendo vereador desde 1795 a 1798, os actos que n'estes cargos praticou revelam sobretudo a independencia e a abnegação do seu caracter.

Seguindo depois a carreira da magistratura, o primeiro cargo que exerceu foi o de Juiz de fóra da comarca de Arganil, em que deixou uma tradição honrada de clemencia paternal e de justiça integra.

Nomeado em 1805 Superintendente das alfandegas de Coimbra, Leiria e Aveiro, n'este cargo veio encontral-o a primeira invasão franceza em 1807.

* * *

Data d'aqui a historia das affrontas dos que nos invadiram o solo, e a historia da covardia d'aquelles que nos governavam. Nas primeiras linhas descrevemos a situação miseranda em que ficámos, a situação tristissima e humilhante que não podia deixar de abalar a bondosa alma e a tempera energica do honradissimo portuguez.

O desembarque das tropas inglezas na praia da Figueira, das tropas que a Inglaterra mandava em auxilio dos opprimidos, depois de ser a Hespanha a primeira a dar o grito da emancipação, afigurou-se-lhe o caminho aberto á liberdade tão esmagada até ahi, e ingenuamente, cheio de enthusiasmo, sai-lhes ao encontro, recebe os soldados, presta-lhes todos os serviços e, para ver a patria livre, de tal fórma esquece perigos, que Lord Wellington, principia por

MANOEL FERNANDES THOMAZ

confiar-lhe a auctoridade superior do districto, em que por tal fórma se houve, que não só os funccionarios inglezes lhe prodigalizaram sempre os maiores elogios, mas tambem em 1808 era nomeado provedor de Coimbra e, em 1810, na apprehensão da entrada do exercito de Massena, nomeado, por instancias dos generaes alliados, intendente dos viveres. Como recompensa dos longos serviços feitos era-lhe conferido em 1811 o logar de desembargador.

N'estes trabalhos fatigantes, tendo de velar dia e noite, deteriorou-se-lhe a saude e alquebrou-se-lhe o corpo. Alem d'isso via cada vez mallograrem-se mais as suas esperanças de regeneração do paiz. O seu patriotismo, o seu grande coração e a sua profunda intelligencia, aconselhavam-lhe uma completa reforma nacional que sepultasse para sempre as nocivas e caducas instituições. Indo ao Porto em 1817, para exercer o seu cargo de desembargador, poude presencear de perto o estado abatido dos espiritos sem esperança. A par, porém, dos muitos e grandes desalentos, encontrou homens dedicados, intelligencias superiores e corações generosos, que vinham espontaneamente associar-se-lhe á idéa de libertar a patria escravizada e de preparar o povo para o momento sagrado da proclamação da sua liberdade.

*
* *

Beresford continuava a insultar-nos com as suas prepotencias. Os soldados mais gloriosos do nosso exercito eram dia a dia, por futeis pretextos, enxovalhados em publico pela soldadesca ingleza.

Por outro lado: o facto de ter abortado a heroica conspiração de 1817, e de serem barbaramente victimados os martyres que pela patria se haviam sacrificado, inflammava mais ainda os corações generosos e magnanimos de homens como Fernandes Thomaz e os seus gloriosos companheiros.

Salvemos a patria era o lemma da sua bandeira de guerra, e armado da razão mais pura, da mais cultivada intelligencia e da mais portentosa abnegação, o heroico patriarcha da nossa liberdade deu principio ao grande movimento revolucionario, convocando uma conferencia com os seus amigos José da Silva Carvalho, José Ferreira Borges e João Ferreira Vianna, para formularem as bases em que devia assentar o plano a seguir da sociedade que ficou constituida sob o nome de *Synhedrio* e que tinha por fim *observar os acontecimentos em Portugal e Hespanha, tomando de vagar o pulso ás tendencias e ás aspirações do espirito publico.*

«Ajustaram reunir-se, diz Rebello da Silva, o panegyrista do grande patriota, no dia 22 de cada mez na Foz para discorrerem ácerca dos successos e das noticias do mez passado e assentarem nos propositos mais opportunos segundo as circumstancias. Juraram uns aos outros inviolavel segredo e decidiram que, se rompesse um movimento monarchico, ou uma revolução, os socios do Synhedrio accudiriam para a dirigir, guardada sempre a fidelidade devida á dynastia de Bragança. Este foi o nucleo da associação denominada Synhedrio e estas as modestas bases com que se fundou. Circumscripto em seu começo cresceu e alargou-se depois.

«Na escolha dos adeptos, discreta e resumida, sempre se antepoz a qualidade ao numero. Em 1819 compunha-se, alem dos quatro inauguradores, dos socios Duarte Lessa, José Pereira de Menezes, Francisco Gomes da Silva, João da Cunha Sotto Mayor, José Maria Lopes Carneiro e José Gonçalves dos Santos Silva. Rodeados de silencio, antes de se aventurarem a hastear a bandeira das idéas, estes cidadãos que não intimidava a sorte das victimas de 1817, sob a ameaça visivel do cutello do algoz, apalpavam o terreno sem precipitação, e pacientes por necessidade, não se antecipavam á sentença logica do tempo e dos factos. Foi, depois d'estes exordios modestos, de que a vaidade de alguns conspiradores jubilados talvez ousasse rir em epoca menos distante, que surgiu o acontecimento mais notavel da historia d'este seculo em Portugal, porque foram sem duvida os principios proclamados em 1820 os que deram depois, embora modificados, vida, physionomia, e futuro ao partido liberal, animando sua fé, e exaltando seus brios na adversidade, na lucta e no exilio.»

Fernandes Thomaz foi a alma d'essa revolução. Era elle, que armado da intelligencia mais lucida, espreitava o momento propicio para a realização da sua obra, e a sua auctoridade e a sua influencia de tal fórma principiaram a turbar o general inglez e o inepto regente, que de mais a mais acabavam de presenciar os acontecimentos de Hespanha e a proclamação da sua livre constituição de 1812, que o marechal partiu assustado, em abril de 1820, para o Rio de Janeiro, e do rei imbecil e covarde conseguiu obter ainda o dinheiro para pagamento dos soldos atrazados, dinheiro de que entrou em Portugal um navio carregado.

Era tarde, e alem d'isso era impolitica e inhabil a ausencia de Beresford, durante a qual o synhedrio alargou o ambito da sua actividade, a ponto de concorrerem a uma reunião, que promoveu, todos os briosos officiaes do exercito alliciados para o grande movimento. N'essa reunião, Fernandes Thomaz poz ao serviço da grande causa tanta eloquencia, tão fogosa paixão, tanta sciencia, tão entranhado amor da patria, e tão alta honradez, que converteu em adeptos fanaticos até ao sacrificio todos os que o escutavam e que n'esse momento tudo arriscariam, os bens, o sangue, a familia, para que triumphasse a grande, a nobre causa.

Com effeito, dois mezes depois d'essa noite memoravel, a coragem de todos os conspiradores heroicos triumphava de todas as difficuldades, vingava-se de todas as decepções, desaffrontava todas as injustiças, e n'esse memoravel dia 24 d'agosto, desfraldava emfim ao vento da liberdade a bandeira da patria.

*
* *

Eis a sua obra, a obra gloriosa do benemerito. Mudou-se-lhe em realidade o que era um sonho. Sacrificou-se, mas venceu, e sem querer ainda repousar de tantas fadigas, no congresso pugnou sempre pela liberdade e pela justiça, pondo a sua auctoridade de jurisconsulto e o poder da sua razão lucida ao serviço d'estas grandes causas.

Magistrado e estadista, nunca esqueceu os direitos do homem para servir interesses proprios; e os historiadores da sua vida não conseguiram ainda decifrar o que n'elle era mais vivo, se a abnegação do caracter, se a profundeza da intelligencia, se a generosidade do coração.

Dois annos depois de realizar a sua obra, morreu a 20 de novembro de 1822 o grande cidadão, honrado por todas as classes e proclamado benemerito pelo paiz em lucto.

*
* *

Com as palavras eloquentes de Rebello da Silva rematamos as nossas: «A sua vida, como a dos antigos romanos, symboliza o sacrificio perenne de todos os interesses ao dever; a palma reverdece viçosa no seu sepulchro; e as gerações, passando, inclinar-se-hão reverentes deante das cinzas do grande cidadão, do homem privilegiado que libertando a patria foi tão mimoso da fortuna que não sobreviveu á liberdade.»

CORTES CONSTITUINTES
CARTA DE 1822
OS
HEROES
DE 1820
JOSÉ FERREIRA BORGES
N.º 2
Avulso 60 réis — por assignatura 50 réis
ASSIGNA-SE E VENDE-SE NA
TYP. MINERVA CENTRAL
14 LARGO DO PELOURINHO 15
LISBOA
REVOLUÇÃO DE 24 D'AGOSTO
JUNTA DO PORTO

JOSÉ FERREIRA BORGES

Pelo seu talento vastissimo, pelo caracter, pela variadissima instrucção de jurisconsulto, e pelos dotes d'estadista habilissimo, Ferreira Borges é um dos vultos mais eminentes da revolução de 1820.

Toda a energia d'um forte temperamento, e todo o vigor de uma mocidade tão utilmente e tão laboriosamente cultivada, pôz o grande cidadão ao serviço da nobre causa, pois que na edade de 34 annos era elle, depois de Fernandes Thomaz, o que mais efficazmente proclamava os seus principios, o que mais enthusiasmo sabia inspirar aos que o escutavam, o mais ardente, o mais activo proselyto da grande idéa, e senão o mais instruido, um dos mais eruditos, e mais profundos em materia de jurisprudencia.

A 6 de junho de 1786 nascia na cidade do Porto essa creança que devia ser uma das maiores glorias da nossa terra. Seu pae era um burguez honrado que exercia n'aquella cidade a profissão de armador, cujos proventos applicava á manutenção de uma familia numerosa e á educação esmerada que dava aos filhos. José Ferreira Borges, o primogenito, era o que revellava mais pronunciado talento e mais decidida vocação para os estudos. Principiou cedo a cultivar essa disposição, doutrinando-se successivamente nas disciplinas elementares que constituiam o curso de humanidades, e ao mesmo tempo manifestava propensão decidida para a poesia e aperfeiçoava o espirito no cultivo incessante dos mais celebres classicos da lingua. Em 1801 matriculou-se em canones na Universidade e n'essa faculdade realisou a sua formatura em 1806. Em 1808 estabeleceu-se como advogado na sua terra, onde pouco depois casou. Foi no exercicio da profissão de advogado que Ferreira Borges se entregou profundamente ao estudo do direito, e especialmente do direito commercial, em que firmou dentro em poucos annos uma reputação solida em todo o paiz.

Em 1809 sobreveio a invasão do exercito francez commandado por Soult, que começando logo a superintender nos negocios da administração publica, desejou cercar-se de homens que o podessem coadjuvar.

Immediatamente lhe foi indicado o nome do profundo jurisconsulto, que foi por elle nomeado auditor da secção do interior, junto ao ordenador em chefe do exercito. N'esse cargo prestou aos seus concidadãos serviços valiosos, chegando a salvar das garras dos francezes o cofre do deposito publico, que encerrava 250:000$000 reis em metal e objectos preciosos.

A 6 d'agosto de 1811 era Ferreira Borges nomeado advogado da Relação do Porto e a 22 de janeiro de 1818 secretario da junta da companhia dos vinhos do Alto Douro, reunindo a esses cargos, o de syndico da camara municipal do Porto.

No momento preciso para a desforra e para a rehabilitação appareceram como que providencialmente, Fernandes Thomaz e Ferreira Borges. Comprehenderam-se e, como era natural, ligaram-se por estreita amizade. Foram os primeiros que prepararam o Synedrio. Ferreira Borges foi encarregado de organisar os estatutos da associação, que cresceu depois até ao numero de 13 pela admissão de novos membros escolhidos no commercio, na magistratura e na classe militar.

«Foi mister, diz um biographo illustre do grande patriota, accelerar a execução do plano mais do que se esperava, antecipando-a para o não vêr de todo frustrado, por inconvenientes que occorreram; e destinou-se para o rompimento a madrugada do dia 24 d'agosto de 1820. Reunido na noite antecedente o conselho militar, composto dos coroneis Cabreira e Sepulveda, dos tenentes coroneis Gil e Berredo, e dos majores Pimentel e Cardoso, n'elle compareceu José Ferreira Borges, commissionado pelo Synedrio (ao qual, dos militares presentes, apenas pertencia o coronel Sepulveda, entrado em 18 do dito mez). Alli entregou as duas proclamações que redigira para serem lidas ás tropas, bem como uma nota indicativa das pessoas que deveriam fazer parte da junta provisional do supremo governo do reino. Depois de tudo approvado separaram-se, dirigindo-se cada um para onde lhe cumpria, afim de se dar execução ao ajustado. Os chefes militares marcharam com os seus corpos para o campo de Santo Ovidio, e, proclamada a revolução, vieram para os paços do concelho, para onde havim convocado a camara, as autoridades civis, militares, ecclesiasticas e as pessoas notaveis da cidade. Propoz-se, e foi approvada pela assembléa a lista dos cidadãos que haviam de compôr a junta do governo, e d'ella ficou fazendo parte Ferreira Borges, na qualidade de secretario com voto. E foi elle mesmo que dictou a acta da vereação da camara, como syndico que era.»

Constituiu-se o novo governo e então é que poude avaliar-se o que era a esphera da sua actividade e a profundidade do seu talento, que não deixava de applicar aos numerosissimos negocios de expediente a que elle consagrava todo o seu cuidado. Desde os dias anteriores ao de 24 de agosto poucos momentos teve de socego, raras noites dormia, porque todo o tempo era pouco para a sua actividade febril, para a execução das ordens que dava, para as medidas uteis que no potente cerebro constantemente elaborava.

O que admira, porém, é que no meio de trabalhos tão arduos e tão praticos, Ferreira Borges tivesse tempo ainda para empregar no cultivo das lettras. E por ser notavelmente curiosa damos em seguida a ode patriotica que por esse tempo escreveu o honrado cidadão, e cujos

JOSÉ FERREIRA BORGES

versos foram entre elle e Fernandes Thomaz um verdadeiro pomo de discordia. Tal indisposição se travou entre elles que nunca mais, até que a morte os separou, poderam completamente reconciliar-se.

Eis os versos:

ODE Á PATRIA

(Recitada no theatro do Porto)

Oh patria! oh berço d'heroismo e d'honra
Oh patria! oh cara patria! O ser me déste,
Deste-me um coração, que tu formaste,
Eu tudo hoje te entrego.

Ahi tens a vida, e ella a vingar-te prompta.
Cumpre vingar os teus direitos lesos;
Cumpre despedaçar do jugo as molas:
Ahi tens o braço, e o peito;

Oh patria! eu já não tenho mais que dar-te...
Se *João Pinto Ribeiro* um dia em trevas
Tramou de teu resgate o plano ousado,
Se intrigou p'ra salvar-te.

Nas trevas caminhei; no espesso arcano
Eu fui tecendo o fio milagroso
Que urdiu a têa luminosa e grande,
Que ovante te embelleza.

Oh patria! oh nome, em cujos ares se ergue
D'alma virtude o radioso busto,
Acceita o sacrificio voluntario,
Que um filho teu te offerta.

Em troca, oh patria, um só favor te peço:
Allumia a razão que o medo embarga:
Valle á illusão, os filhos teus alenta,
E aqui findam meus votos!

* * *

Na Junta Provisoria que, proclamada a revolução, se organisou para reger o paiz até á proxima reunião das côrtes, José Ferreira Borges foi nomeado com José da Silva Carvalho ajudante de Manuel Fernandes Thomaz, e este encarregado dos negocios do reino e da fazenda.

Eleito pela provincia do Minho, Ferreira Borges tomou assento como deputado nas côrtes constituintes de 1821.

Como legislador foi brilhantissima a sua carreira revelando em todos os assumptos em que entrou o rigor do seu criterio e a vastidão dos seus conhecimentos. Terminada a sua missão no congresso constituinte, não foi em seguida reeleito para as côrtes ordinarias que se lhe seguiram, e que depois de reunidas o incluiram na lista triplice dos propostos para comporem o conselho d'estado. Por nomeação regia entrava com effeito n'esse cargo a 6 de março de 1823. Era o momento porém, mais difficil e mais arido para o desempenho d'essa alta missão. O partido reaccionario ia invadindo todo o paiz e a bandeira d'esse partido era hasteada pelo conde de Amarante em Traz os Montes a 22 de fevereiro.

Emigrar era o recurso que lhe restava, e emigrou, levando no coração a tristeza de vêr assim sacrificada uma causa tão nobre.

Com outros companheiros da desventura embarcou para Inglaterra no dia 1 de junho, depois de lavrar n'uma carta a el-rei o seu energico protesto.

N'este meio culto da Inglaterra, espirito investigador como era, tratou de colher mais vasta copia de conhecimentos, dedicando cuidados especiaes ao seu estudo predilecto—o direito commercial—a ponto de coordenar o Codigo Commercial, trabalho arduo para o qual nem então já se quer tinha o incentivo da larga remuneração que em Portugal lhe havia officialmente sido promettida pelo congresso constituinte. Na exploração d'este meio outros elementos lhe vieram á mão, com os quaes organisou as suas obras publicadas em Londres—*Instituições de direito colonial portuguez* e as *Dissertações juridicas sobre os artigos 126 e 145 da Carta*, não esquecendo o interessante periodico intitulado *Correio interceptado*.

Quando em fevereiro de 27 os emigrados poderam regressar á patria, veio com elles Ferreira Borges; mas de tal maneira encontrou viciado o meio portuguez, tão avesso aos seus instinctos e principios, que preferiu emigrar de novo para Inglaterra. N'esse intuito refugiou-se na fragata *Thetis*, então surta no Tejo, e d'ahi recomeçou a sua acção revolucionaria contra a marcha nefasta dos negocios publicos no seu paiz.

Bom exito teriam os seus trabalhos se não fossem os acontecimentos da noite de 9 de janeiro de 1829. Teve de partir difinitivamente para Inglaterra sahindo do Tejo a 1 de fevereiro. Em Londres continuou os seus estudos publicando uma após outra no anno de 1830: *A Jurisprudencia do contracto mercantil; a synopse juridica do contracto do cambio maritimo;* e o *Commentario sobre a Legislação portugueza acerca de avarias*; em 1831: *Os principios de syntelologia* e em 1832 as *Instituições da medicina forense*, aperfeiçoando ao mesmo tempo e dando a fórma definitiva a outras obras de valor que mais tarde se publicaram em Portugal.

Restaurada a liberdade, Ferreira Borges entrou em Lisboa em setembro de 1833. Estava em optimas relações com D. Pedro IV, que fazendo approvar o projecto do Codigo Commercial, já seu conhecido, o mandou executar como lei do reino, nomeando ao mesmo tempo o seu auctor Magistrado Supremo do Commercio e Juiz Presidente do Tribunal Commercial de segunda instancia.

No exercicio dos seus cargos, Ferreira Borges organisou a Praça do Commercio de Lisboa e em seguida a do Porto. Por estes e outros serviços mereceu os louvores da rainha D. Maria II e immensas provas de sympathia e apreço da parte dos portuenses, que deixaram ligado o seu nome a uma das ruas da cidade invicta.

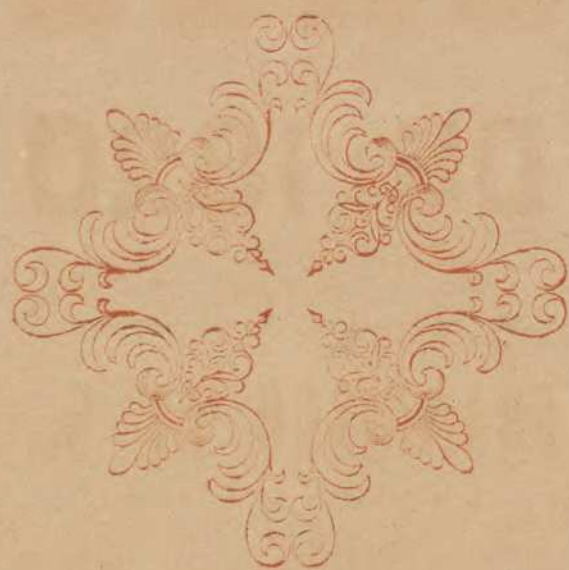
A pouco e pouco porem a vista, que se lhe fôra deteriorando, extinguiu-se-lhe de todo, causando-lhe por fim padecimentos crueis.

Um acontecimento veio perturbar-lhe a serenidade da vida; a Revolução de Setembro de 1836 impôz a constituição de 23 de setembro de 1822 e proclamou a convenção das côrtes constituintes para a sua modificação.

Recem-eleito deputado pelo Porto, Ferreira Borges negou-se a jurar a nova constituição e demittiu-se de todos os seus cargos, explicando n'uma *Representação* que publicou, as razões do seu procedimento. O governo não só lhe acceitou a demissão como tratou de modificar a sua obra. Ferido no que tinha de mais caro tentou reagir quanto em suas forças coube e se tornava possivel n'aquellas circumstancias.

Cahindo com a convenção de Ruivães as suas ultimas esperanças, alquebrado de forças, Ferreira Borges sahiu de Lisboa retirando-se para o Porto a 2 de setembro de 1837, onde viveu, querido de poucos, e malquisto de muitos.

Ainda Passos Manuel se lembrou de lhe fazer alguma justiça conseguindo, com o auxilio de mais 48 deputados, obter como recompensa dos serviços feitos pelo auctor do *Codigo Commercial* que lhe fosse concedida uma pensão de 800$000 reis annuaes, consideravel se tivermos em vista o estado financeiro da epoca.

Foi isto em 3 d'abril de 1838, e a 14 de Novembro do mesmo anno, José Ferreira Borges, o heroico revolucionario de 20, o honradissimo portuguez, o patriota estoico, o emminente jurisconsulto, pobre, cego, abandonado, morria para as luctas da vida e nascia para a historia.

CORTES CONSTITUINTES
CARTA DE 1822
OS
HEROES
DE 1820
FR. FRANCISCO DE S. LUIZ
N.º 3
Avulso 60 réis — por assignatura 50 réis
ASSIGNA-SE E VENDE-SE NA
TYP. MINERVA CENTRAL
14 LARGO DO PELOURINHO 15
LISBOA
REVOLUÇÃO DE 24 D'AGOSTO
JUNTA DO PORTO

FR. FRANCISCO DE S. LUIZ

Para que o nome d'este escriptor eminente, conhecido no seculo por Francisco Justiniano Saraiva, ou cardeal Saraiva, honrasse as paginas da historia portugueza, não seria necessario citar a lista numerosa das obras eruditas produzidas por uma intelligencia superior a par de uma illustração rara; bastaria descrever singelamente o papel que o grande cidadão desempenhou na nossa politica, a fórma verdadeiramente extranhavel porque um homem que, pelas idéas dominantes, pela classe retrograda a que pertencia, pela posição que occupava, mais pareceria dever estar apto para ser um caudilho fervoroso das idéas oppostas, porque um homem n'estas condições acceita rasgadamente os principios liberaes (que ainda para alguem, obrigam a tachar de *poetas*, de *lunaticos*, aquelles que os implantaram), com uma abnegação rara e com uma sciencia vastissima lhes presta todos os seus serviços, todo o seu apoio, e é um dos seus mais fervorosos propagandistas, e leva o seu amor honrado por essa *idéa nova*, por esses principios liberrimos, a ponto de escrever em resposta á partecipação que José Ferreira Borges lhe enviára, de que estava nomeado membro da junta provisoria do governo superior do reino, estas palavras memoraveis: «Estou perfeitamente convencido que de nenhum modo se podia manter a independencia, a honra e a gloria nacional sem uma resolução d'esta natureza, tomada com unanimidade e vigor.... Julgo pois que acceitando esta honra obedeço á voz nacional.»

*

* *

De Manuel Saraiva e D. Maria Correia de Sá nasceu a 26 de janeiro de 1766 em Ponte de Lima o futuro cardeal Saraiva. Cursou humanidades no collegio da ordem de S. Bento em Rendufe, tendo por professor Fr. José de Santa Escholastica, depois arcebispo da Bahia, que lhe ensinou phisica, philosophia e algebra. Sem mestre apprendeu as linguas franceza e italiana e «sem outro magisterio mais, diz elle mesmo, dei-me a estudar os principios geraes da litteratura, acompanhando este estudo das correspondentes leituras dos poetas, oradores e historiadores, que me era possivel haver á mão.»

A 6 de abril de 1780 vestiu o habito de S. Bento no convento de Tibães e a 29 de janeiro de 1782, professou n'essa ordem, que escolheu de preferencia, porque com mais assiduidade e proveito podia seguir ali os seus estudos. Em 1785 entrou no collegio de S. Bento em Coimbra onde aprendeu o grego e o hebraico, começando a estudar theologia, cujo curso seguiu depois na Universidade, de fórma tal que todos os annos lhe foram concedidos premios. Doutorou-se n'esta faculdade, e até 1798, em que no capitulo geral da ordem o nomearam secretario geral da congregação, foi regendo no collegio da ordem, entre outras cadeiras, a de algebra, geometria e trigonometria. Nomeado depois companheiro do D. abbade geral, abbade do collegio de Coimbra, visitador geral e chronista mór da ordem, foi nesta qualidade que percorreu todos os mosteiros benedictinos em Portugal, fazendo as mais rigorosas investigações e colhendo abundante copia de conhecimentos. Em 1817 el-rei D. João VI nomeou-o professor de philosophia no collegio das Artes.

Até 1820, em que rebentou a revolução, o sabio professor conseguiu distribuir o tempo methodicamente entre as obrigações da regencia da cadeira e os trabalhos historicos, que eram os seus predilectos.

Por esse tempo vinha o povo portuguez despertando lentamente e preparando se para a implantação da liberdade, que deveria começar por dar um golpe profundo na tyrannia. Fernandes Thomaz, sentinella vigilante, espreitava a toda a hora o momento opportuno para a necessaria e patriotica reivindicação dos nossos direitos esmagados. Não podia Fr. Francisco de S. Luiz, intelligencia provada e coração generoso, assistir indifferente ao movimento que se preparava. E, apesar da affirmação que fez, na *Deducção dos factos da sua vida publica*, *«que não tivéra parte alguma no projecto da revolução nem conhecia muitas das pessoas que se ligaram para o executar,»* quando em 1820 rebentou essa revolução, não se esqueceram os seus iniciadores do nome venerando de Fr. Francisco de S. Luiz, e confiados na illustração do seu espirito, affecto a todas as idéas de liberdade, resolveram escolhel-o para ser um dos membros da junta do governo organisada no Porto e d'esta cidade lhe dirigiram a communicação para a povoação do Prado, ao pé de Braga, onde com sua familia passava o estio, descançando dos seus fatigantes trabalhos. Da fórma porque elle respondeu a Ferreira Borges, já acima fallámos e n'um dos periodos que reproduzimos fizemos vêr a largueza dos seus liberrimos principios. Moderado, prudente, inimigo de demagogias, e um pouco affecto á monarchia, sem comtudo ser hypocrita, o seu conselho foi sempre ouvido e seguido o seu voto. Tal confiança inspirava o seu caracter, que em 1821 as côrtes geraes e extraordinarias o nomearam para formar com o marquez de Castello Melhor, conde de Sampaio, José da Silva Carvalho e João da Cunha Soutomayor, a regencia que substituisse o rei durante a sua estada no Brasil.

Foi n'esse cargo que mais brilharam os seus talentos d'estadista, para confirmar os quaes bastaria o ter redi-

FREI FRANCISCO DE S. LUIZ

gido as bases d'uma constituição, notaveis por muitos titulos e sobretudo por esse celebre artigo 3.º que tornava atrazada com relação a nós a constituição hespanhola de 1812, esse celebre artigo em que o douto frade dizia que a religião catholica não era a religião do estado, mas simplesmente a religião dominante em Portugal,

Não vingou essa constituição para dar logar a outra votada pelas cortes, mais avançada n'outros artigos, mas improficua por ser talvez avançada de mais e ter por isso de produzir uma reacção fatal, que ficou conhecida pelo nome de Villafrancada.

Extincta a regencia em 4 de julho de 1821 com a entrada em Lisboa de D. João VI, foi fr. Francisco de S. Luiz nomeado coadjutor e successor de D. Francisco de Lemos, que era bispo de Coimbra e reitor da Universidade.

Pouco depois este venerando prelado pedia a sua exoneração e fr. Francisco de S. Luiz era nomeado reitor reformador da universidade e seria ao mesmo tempo nomeado bispo se a Curia, que desejava vingar-se d'este homem que se tinha reunido aos *pedreiros livres*, acceitasse a exoneração d'este cargo pedida por D. Francisco de Lemos,

A 15 de setembro de 1822 era sagrado bispo, graças á energia do governo. Como senão bastassem ainda para um só homem as duplas funcções de tarefa tão ardua, era fr. Francisco de S. Luiz eleito pouco depois por tres collegios eleitoraes deputado ás cortes ordinarias, onde teve de resistir á maioria revolucionaria e ao partido reaccionario, por que ella o accusava de querer fazer uma constituição liberal monarchica, e este lhe dirigia censuras violentas e o castigava com desconsiderações repetidas por ser o auctor d'esse vermelho e heretico artigo 3.º.

Depois da Villafrancada, fr. Francisco de S. Luiz, hostilisado com o governo, exonerou-se do cargo de reitor da Universidade, e renunciou a mitra. Levaram-no a isto suggestões dos proprios membros do governo, que conseguiram ainda que elle se exilasse no convento da Batalha.

Estudando sempre, alli passou dois annos até que em 1825 se retirou para Ponte de Lima onde estava com sua familia quando morreu D. João VI.

Em 1826 foi eleito deputado ás côrtes e presidente da camara. Dois annos depois apparecia porém a reacção miguelista e D. fr. Francisco de S. Luiz era novamente e mais violentamente perseguido pelos absolutistas, que chegaram a prendel-o e a conduzil-o entre uma escolta de soldados, para o convento daSerra d'Ossa, onde, isolado entre uns cerros alpestres, o sabio prelado passou seis annos, cercado de todas as precauções, não podendo communicar senão com os frades, mas tirando ao menos a desforra do seu covarde perseguidor, escrevendo d'alli mesmo um violento libello contra o seu execrando despotismo: seis annos que dedicou ao estudo, seis laboriosissimos annos de producção intellectual, em que enriqueceu a litteratura patria com livros de inestimavel valor.

Assignada a convenção d'Evora Monte, o duque da Terceira mandou em maio de 1834 soltar o venerando benedictino, que no mez seguinte era nomeado guarda-mór do archivo da Torre do Tombo.

Eleito deputado n'essa occasião exerceu até 1826 o cargo de presidente da camara electiva e a 24 de setembro, no dia em que morreu D. Pedro IV, foi nomeado por D. Maria II para gerir a pasta do reino, logar que exerceu pouco tempo, mas durante o qual provou sempre o seu grande amor á liberdade, chegando a pôr termo ás prisões arbitrarias que se continuaram fazendo apesar de estabelecida a Carta.

Nomeado par do reino no mesmo dia em que deixava o ministerio, na posse da sua cadeira veio encontral-o a revolução de 1836 a que elle, cartista convicto, se mostrou sempre hostil, e tão hostil que o seu primeiro acto, logo que ella rebentou, foi pedir a sua demissão de guarda-mór da Torre do Tombo, protestar como par do reino contra os acontecimentos de 9 de setembro e ir pessoalmente declarar á rainha que cinco vezes jurára a Carta Constitucional a que sempre havia de ser fiel.

Não obstante, os circulos de Lisboa e de Vianna elegeram D. Fr. Francisco de S. Luiz deputado ao congresso constituinte de 1837. Pedindo logo em seguida a demissão de deputado, foi-lhe recusada pela camara que lhe facultou a liberdade de comparecer quando podesse nas sessões do congresso, graças a um honrosissimo parecer de Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Nomeou-o depois o governo para presidir á commissão encarregada de propor os meios conducentes ao restabelecimento das relações amigaveis entre Portugal e a curia romana, e em 1840, por morte do cardeal patriarcha D. Patricio, apresentou-o na Sé vaga de Lisboa.

Oppoz-se tenazmente D. Fr. Francisco de S. Luiz a acceitar esse cargo, mas tanto com elle instaram a rainha e o governo que o virtuoso prelado recebia a confirmação a 29 d'abril de 1843, era proclamado cardeal no consistorio de 19 de junho, a 18 de julho recebia como prelado metropolita o pallio na sua capella, a 26 do mesmo mez recebia o barrete cardinalicio na capella das Necessidades e a 11 d'agosto de 1844 fazia na nova patriarchal, installada de vespera, a sua entrada solemne.

A 7 de maio de 1845 morria em Marvilla com 79 annos de edade o erudito cardeal.

O seu papel na politica d'este seculo ahi fica a traços largos. Todos os seus actos foram inspirados pela moral mais sã e pelo mais alto caracter. Foi por isso que Fr. Francisco de S. Luiz, cartista de convicção, não teve duvida em condemnar com vehemencia o golpe de estado de Costa Cabral, em 1842, como em 1836 acompanhára na censura á revolução os seus collegas da camara dos pares.

Como escriptor a sua obra é das mais vastas do seculo. Aclarou pontos nebulosos da nossa historia, elucidou com grande criterio e com vasta sciencia assumptos diversos sobre as antiguidades politicas, ecclesiasticas, e linguisticas da Hespanha, escreveu eruditamente sobre os descobrimentos e viagens dos portuguezes, e como socio e vice-presidente da Academia das Sciencias foi o escriptor que mais copiosamente enriqueceu as collecções d'aquella academia.

*

* *

Latino Coelho, panegyrista eloquente do grande cidadão, traça nas linhas, com que fechamos, aquella poderosa individualidade.

«Os talentos e as virtudes resplandeceram com maior luzimento e fidalguia em D. Fr. Francisco de S. Luiz do que as mitras, os brazões, os arminhos e as purpuras que em tantos homens são os ornamentos com que a indulgencia e o favor annistiam tantas vezes a mediania dos serviços, a curteza dos entendimentos, a vulgaridade das virtudes e a ausencia das vocações.»

Eram assim os homens de 1820.

CORTES CONSTITUINTES
CARTA DE 1822
OS
HEROES
DE 1820
JOSÉ PEREIRA DA SILVA LEITE DE BERREDO
N.º 4
Avulso 60 réis — por assignatura 50 réis
ASSIGNA-SE E VENDE-SE NA
TYP. MINERVA CENTRAL
14 LARGO DO PELOURINHO 15
LISBOA
REVOLUÇÃO DE 24 D'AGOSTO
JUNTA DO PORTO

JOSÉ PEREIRA DA SILVA LEITE DE BERREDO

Foi um dos seis membros do conselho militar que promulgou a regeneração politica da patria, proclamada no Porto a 24 de agosto de 1820.

Se outros titulos não tivesse para que a historia lhe perpetuasse o nome, este lhe bastaria. Mas, como para a comprehensão do alto movimento politico que ia effectuar-se, do impulso consciente e vigoroso que era forçoso dar aos acontecimentos, deviam aquelles a quem o destino incumbiu missão tão alta impor-se pela superioridade da intelligencia e pela inteireza do caracter, é o nosso proposito mostrar como n'esta illustre personalidade brilhavam no seu maximo grau as mais eminentes qualidades.

A 6 de fevereiro de 1774 nascia em Villa Nova de Gaya o futuro revolucionario de 1820, sendo seus paes D. Maria Caetana d'Almeida Pinto e Manoel Pereira da Silva Leite de Berredo, senhor de dezenove prazos de livre nomeação proximos da mesma villa, acima da qual, no logar da Bandeira, tinha o seu antigo solar, bacharel formado em direito, e cavalleiro professo na Ordem de Christo por El-Rei D. José I. D'ascendentes nobres e heroicos recebia elle exemplos de valor: na educação esmerada que nos primeiros annos os paes lhe ministraram, aprendeu a preparar-se para a grande lucta e na historia viva dos seus antepassados encontrou o estimulo da honra, do patriotismo e da dignidade, com que soube ennobrecer a terra em que nasceu.

Entre esses gloriosos ascendentes basta citar estes nomes: Ayres Pereira de Berredo, governador de Macau, em 1513 no reinado de D. Manuel, que se illustrou pela coragem e pela intelligencia; Francisco Pereira de Berredo, valoroso guerreiro que na India praticou acções heroicas; Gaspar Leite de Berredo e Antonio Leite Cabral, que no reinado de D. Affonso VI se assignalaram combatendo pela independencia da patria e que em remuneração dos relevantes serviços militares prestados nas campanhas do rompimento das linhas d'Elvas em 1659 foram agraciados, o primeiro com o fôro de Fidalgo Cavalleiro e o segundo com a commenda da Ordem Militar de Christo em duas vidas e com a dotação de 150$000 réis annuaes; e finalmente Antonio Pereira de Berredo que, como governador capitão general das ilhas de S. Thomé e Principe, em 1693, se tornou notavel pela prudencia e pela illustração.

Avultavam portanto as recordações gloriosas da sua familia e foi, munido dos mais altos exemplos, que Leite Berredo, muito moço, se dedicou á carreira das lettras, seguindo na universidade de Coimbra o curso de direito, que cedo concluiu, obtendo o despacho de juiz de fóra de Montemór o Novo, depois de *ler* no desembargo do paço.

No principio da sua magistratura vieram encontral-o as suspeitas de guerra que em 1797 determinaram as providencias militares sobre a organisação das tropas e preparos de campanha. Por esse tempo dedicava o moço magistrado os seus affectos mais intimos a uma dama illustre, D. Francisca Felisberta de Lima Brito, que se recusava a desposal-o só porque elle não pertencia á classe militar. Esta circumstancia posta em relevo pelo seu elevado patriotismo, herdado de muitos que no exercito se haviam assignalado, levou o moço juiz de fóra a abandonar as lides do fôro, substituindo-as por outras mais fadigosas, as de campanha, a trocar a toga de magistrado pelo uniforme de guerreiro.

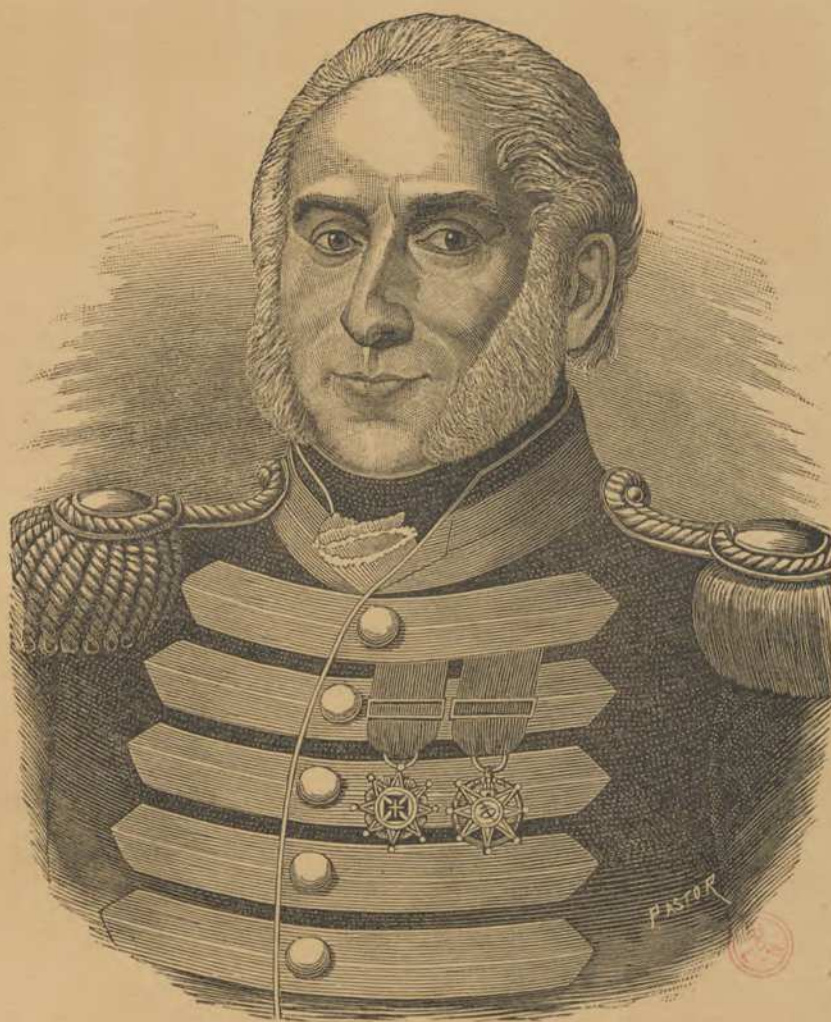
Alistou-se voluntariamente no regimento de cavallaria 11 que estava de guarnição na praça d'Almeida e por decreto de 11 d'abril de 1797 foi-lhe concedido logo o posto de tenente em attenção á nobreza e aos serviços dos seus antepassados.

De tal fórma cumpriu os deveres do seu novo cargo que o principe de Valdeck quando em 1799 inspeccionou o exercito das provincias do norte deu-lhe n'um documento honrosissimo o mais elevado testemunho do apreço em que o tinha.

No anno de 1800, sendo-lhe concedida permissão regia para ir frequentar mathematica na Universidade, partiu para Coimbra, onde porém se demorou pouco, porque logo no anno immediato, chamado pelas occorrencias de então, teve de vir para junto dos seus camaradas, ao lado dos quaes luctou heroicamente na desgraçada campanha, em que lhe confiaram missões da mais alta importancia e gravidade.

Em 1807, época calamitosa e memoravel, Leite Berredo que fazia parte das tropas do marechal Botelho, entrou com as do seu regimento, sob o commando d'este general, no começo de operações, ás quaes dava logar a approximação dos invasores e occupava já a villa de Celorico, quando foi forçado a contrariar a sua vontade e o seu brio militar para cumprir obedientemente as prescripções que deixára o principe regente ao abandonar o paiz. Regressou immediatamente para a praça d'Almeida. O mesmo sentimento doloroso apossára-se do marechal que deu a Berredo a permissão de se apresentar no quartel general de Vizeu, onde, depois de lhe ser confirmada uma licença de dois mezes que o principe anteriormente lhe concedera, pediu a demissão. Foi-lhe acceita e em sua casa, onde estava recolhido recebeu a noticia. Estava consummado. A patente, os interesses materiaes, as anciedades de gloria, sacrificára-os o honrado militar aos seus brios de soldado e de portuguez.

* * *

Retirado do exercito e da vida publica passou em casa os primeiros tempos da occupação. Comtudo o amor ardente da patria e o desejo de contribuir para a sua reivindicação mais se lhe tinham acrisolado n'este forçado

JOSÉ PEREIRA DA SILVA LEITE DE BERREDO

isolamento: e quando em 1808 rebentou em Hespanha e Portugal o álerta da emancipação, Berredo, suppondo que na acclamação do principe regente estava a salvação da patria, ao serviço d'esta ideia pôz todos os esforços e com João Manuel Mariz Raymundo José Pinheiro e outros, preparou na cidade do Porto a sua realisação pratica. Importantissimos foram os serviços que n'este sentido prestou: as auctoridades encarregaram-n'o das mais arduas e mais arriscadas missões, que todas desempenhou com acerto e proveito para o estado. Dispondo de poucas forças militares, observou sobre a Regoa todos os movimentos do inimigo e entendeu-se com as auctoridades das povoações hespanholas visinhas da provincia para accordarem nos meios de combatel-o. Para isso arriscou mais do que a saude e os proprios haveres, arriscou muitas vezes a existencia.

Por fim a Junta Provisional do supremo governo estabelecido no Porto, considerou *relevantes* os serviços feitos por Berredo e a 5 de agosto de 1808 promoveu-o a capitão aggregado do seu antigo regimento e nomeou-o ajudante de ordens do quartel general do governo das armas do partido do Porto. Foi ainda n'esse anno encarregado pela mesma junta de organisar e disciplinar um pequeno corpo de cavallaria, destinado a manter a ordem na cidade, por esse tempo constantemente alterada. A Junta concedeu-lhe por isto a effectividade do posto. Esse pequeno corpo que pela sua organisação e disciplina podia servir de modelo, contribuiu efficazmente, pela habil direcção de seu digno commandante, para as tentativas que se fizeram com o fim de annullar as intenções do inimigo. Entre outras operações executou a arriscadissima, por ordem do bispo-governador, de internar-se na Galliza, para espreitar todas as forças e colher todas as informações sobre os movimentos que era preciso combater. Arriscada era a missão, porque não só tinha de luctar contra a desconfiança espalhada nas massas populares, mas tinha a probabilidade de cair nas mãos do inimigo.

Não trepidou, foi resoluto: chamava-o o dever e perante o cumprimento d'elle, nem o receio de perder a vida o faria hesitar. Percorreu a Galliza e conseguiu pelo seu espirito atilado que a *leal legião lusitana*, que operava sob o commando do barão d'Eben, a salvo se retirasse para Portugal. Regressou elle tambem ao seu paiz e depois de cooperar nas operações do mallogrado Bernardino Freire de Andrade, marchou para o Porto, onde pela sua prudencia e pela sua energia, arrostando os maiores perigos, porque tinha de luctar com a cegueira das turbas e com a perversidade dos que as desvairavam, salvou á morte, como chefe da policia, muitos infelizes a ella condemnados. Depois, taes qualidades revelou, quando foram constantes as investidas das tropas francezas á cidade do Porto, com a approximação de Soult, que foi nomeado para fazer parte da guarda especial do bispo-governador, que na respectiva ordem, declarava só confiar a guarda da sua vida á *fidelidade e intrepido valor do benemerito capitão*.

Entrados os francezes no Porto a 29 de março, teve o bispo de abandonar a cidade e, cercado dos maiores perigos, retirar para Lisboa com a caixa militar e a de viveres. Berredo teve de acompanhal-o, no cumprimento dos seus deveres, e taes alvitres pôz em pratica, taes perigos venceu, que o bispo entrou incolume na capital, depois d'uma arriscada viagem. Na villa de Ilhavo, por exemplo, esteve quasi a perder a vida o valente militar. Pois não só conseguiu salval-a pelo seu animo valoroso, mas conseguiu ainda conduzir para Coimbra, e com toda a segurança, a quantia importante de cincoenta mil cruzados. Estes actos heroicos valeram-lhe o honrosissimo decreto de 14 d'agosto de 1810, no qual o principe regente *sendo-lhe presentes os relevantes e uteis serviços de José Pereira da Silva Leite de Berredo, etc., praticados na feliz restauração do reino de Portugal com honra, zelo e intelligencia, salvando a caixa militar da provincia do norte na occasião da insurreição dos francezes na cidade do Porto, com grande risco da sua vida, ha por bem em remuneração fazer-lhe mercê do Habito da Ordem de Christo e doze mil réis de tença effectiva.*

Por esta mesma occasião a 13 d'agosto de 1810, era promovido ao posto de major e graduado no de tenente-coronel.

N'esta patente, e no commando do corpo de policia do Porto, veiu encontral-o a revolução politica de 1820.

As suas ideias rasgadamente liberaes, de que tantas provas havia dado, acharam ensejo de se exercitar amplamente. Leite Berredo acceitou de coração esse movimento politico e devotou-se-lhe com o mais acrisolado affecto.

Conferiu-se-lhe a 18 de setembro de 1820 a patente de coronel, depois de ser um dos officiaes que deram maior impulso ao grande movimento revolucionario tendo sido nomeado como no principio dissemos um dos seis membros do conselho militar. Actividade fecunda, valentia comprovada e integridade de caracter, eis as qualidades com que Leite de Berredo collaborou na nobre causa. E tão assignalados serviços lhe prestou que foi uma das victimas que mais soffreram depois por esse motivo, sendo, no dia 25 de junho de 1824, intimado por ordem d'el-rei, transmittida por Ayres Pinto de Sousa Coutinho, governador das Justiças do Porto, a sahir para fóra do reino no praso de um mez. Escolheu Pontevedra onde esteve exilado por espaço de 26 mezes, ao fim dos quaes voltou á patria, reintegrando-o no serviço a infanta D. Izabel Maria. Foi depois um dos membros do conselho militar e de justiça, installado no Porto, em 1828, pela Junta Provisoria e querendo evitar as iras de D. Miguel, usurpador, conservou-se homisiado até á vinda de D. Pedro IV em 1832, a quem se apresentou logo no dia 9 de julho. Esteve no Porto todo o tempo do cerco, sendo então feito coronel effectivo, inspector geral dos quarteis e deposito militar e mais tarde reformado em brigadeiro.

*
* *

Velho, carregado de serviços desinteressados e heroicos, tendo mais de uma vez arriscado a vida na defesa da patria, pobre, depois de ter consumido a sua riqueza para que triumphasse a grande causa, com o peito constellado de condecorações, Torre e Espada, Christo, S. Bento de Aviz, Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, cada uma das quaes era o premio de grandes feitos, o brigadeiro Leite Berredo, falleceu reformado no dia 16 de novembro de 1835, na mesma terra onde nascera, sendo sepultado junto á capella mór da egreja de S. Christovam de Mafamude.

Se não legou bens de fortuna o honrado cidadão deixou como herdeiros do seu nome e das suas virtudes descendentes dignos d'elle, dos quaes existem actualmente uma filha, a ex.ma sr.a D. Maria Maxima Brito de Berredo e Mello, virtuosa e digna esposa do illustre general Roque Francisco Furtado de Mello, conselheiro vogal do tribunal superior de guerra e marinha, e um neto, o sr. Roque de Brito Berredo Furtado de Mello, que têem por subido galardão perpetuar a memoria do seu glorioso ascendente.

OS HEROES DE 1820

JOSÉ MARIA LOPES CARNEIRO

N.º 5

Avulso 60 réis por assignatura 50 réis

ASSIGNA-SE E VENDE-SE NA
TYP. MINERVA CENTRAL
14 LARGO DO PELOURINHO 17
LISBOA

JOSÉ MARIA LOPES CARNEIRO

BRILHA este nome glorioso entre os nomes dos treze restauradores que em 1820 ergueram no Porto o primeiro grito da liberdade e independencia nacional.

Lopes Carneiro foi o 6.º membro da Associação de 1820. N'essa associação liberalissima representava elle tacitamente o commercio do paiz. Davam-lhe esse logar de honra o seu caracter integro e os seus estudos especiaes. Como o exercito, o clero, a agricultura a nobreza e a universidade, haviam delegado nos seus homens mais illustres o poder de represental-os, no governo do reino, não podia o commercio, esta força poderosa e impulsiva do desenvolvimento das nacionalidades, deixar de ter entre os defensores dos seus direitos, aquelle que pela honradez, pelas virtudes, pela energia e pela illustração estava talhado para represental-os. E representou-os, tanto em serviço da patria, em abnegação pessoal, e em proveito d'essa classe que, morrendo pobre, possuidor de menos haveres do que os que herdára de seus paes, reuniu no dia do seu enterro, no cemiterio do alto de S. João, os cidadãos mais illustres e os principaes negociantes da capital, que mandaram erigir-lhe um mausoleu de honra e foram com a sua presença dar á memoria honrada do virtuoso cidadão a homenagem do reconhecimento que lhe deviam.

Lopes Carneiro nasceu no Porto a 2 de novembro de 1785, de Manoel Rodrigues Carneiro Braga e de D. Maria Lopes Corrêa. N'essa cidade recebeu os primeiros elementos de educação e adquiriu o gosto pela agricultura a que sempre foi particularmente applicado, fazendo d'esse estudo a base de todos os outros, por ter decerto reconhecido, com precocidade notavel, que no desenvolvimento da agricultura residia embryonariamente a prosperidade da patria. Querendo seu pae, proprietario respeitavel, cultivar-lhe a intelligencia no sentido mais pratico e para que sempre fossem proficuos os resultados da sua applicação, determinou-lhe que fosse viver, muito moço ainda, em companhia de seu irmão mais velho, o então celebre litterato Jeronymo José Rodrigues, arcediago de Barroso, que o preparou no estudo das linguas e lhe fez cultivar com proveito os primeiros elementos da educação mercantil.

* * *

Contava então 22 annos. Tinha preparado o espirito para idéas subidas e iniciativas uteis. O estudo das humanidades, sciencia commercial, conhecimento de idiomas, o mais util para estar em communicação com os homens e com as sciencias, caracter formado por exemplos de honradez que os seus á farta lhe dispensavam, singeleza de costumes, lhaneza de trato, como de quem nasce de paes honrados e modestos e passa a mocidade entre gente que só trabalha, taes eram os predicados que o recommendavam quando, ao primeiro ameaço da invasão franceza, acudiu prompto ao grito de independencia que retumbou do Minho ao Douro. Em espiritos tão solidamente formados devia ter sido intenso e ao mesmo tempo doloroso o amor da patria que até ahi fôra forçado a conter-se e a retrahir-se, perante o espectaculo da agonia que apresentava o paiz d'um a outro extremo, o paiz, victima innocente do absolutismo egoista e criminoso d'um idiota coroado. D'esta situação desolante tinha Lopes Carneiro a mais nitida comprehensão. Por isso logo que viu ensejo de exercer a sua mocidade em serviço da patria em perigo, foi dos primeiros a alistar-se no batalhão de Voluntarios que logo se formou no Porto. Era preciso combater, luctar corpo a corpo com o inimigo, e luctou, e foi dos mais valentes, pois que sem perder o animo e sem affrouxar no combate viu morrer a seu lado muitos dos seus companheiros e amigos, no sitio de Ramalde. Não só triumphou n'esse momento, mas até escapou, como que por milagre, á furia da irrupção inimiga, que tantas familias cobriu de luto. Por pequeno contava porém esse serviço e pequeno era decerto, não pelo que valia, mas pelos muitos e grandes que d'elle tinha a esperar o paiz. Apenas se procurou tornar pratica a idéa da libertação, apenas o relampago que primeiro atravessou o cerebro de Fernandes Thomaz, illuminou o espirito de tantos benemeritos, foi Lopes Carneiro o primeiro a sentir o brilho d'essa luz. Tinha finalmente a sua actividade amplo ensejo e campo larguissimo para se exercitar. Viu o que lhe cumpria fazer. Relacionou-se com os homens serios e de certo pensar, e desenvolveu tão efficaz energia, que o proprio Fernandes Thomaz mais de uma vez o elogiou em publico. Não se cançava de expor a todos as necessidades da patria e de condemnar com protestos eloquentes, firmados pelo seu caracter e pela sua illustração, os despotismos do usurpador inglez, a subserviencia do paiz imbecilisado pela oppressão e a indifferença d'aquelles que de braços crusados assistiam ao naufragio de todas as nossas glorias e ao desabar das esperanças mais intimas. Serviam-lhe então á maravilha os conhecimentos da sua especialidade. Demonstrava a todos, como dado o primeiro golpe, vibrado o primeiro grito de emancipação, repercutido em todo o paiz o álerta da nossa liberdade, na agricultura e no commercio estava a fórma pratica da nossa regeneração e o thesouro da nossa prosperidade.

Fallou, trabalhou e venceu, e o maior galardão que deve prestar-se hoje á sua memoria, é dizer-se que, sendo o sexto membro da associação, foi dos que mais trabalharam

JOSÉ MARIA LOPES CARNEIRO

e se distinguiram n'esse apostolado que dirigiu o memoravel movimento de 24 d'agosto de 1820.

*

* *

Na hora do triumpho mostrou-se desinteressado. Por tantos serviços feitos não acceitou uma condecoração, nem um cargo publico. De nada lhe valeu porém abnegação tão heroica, que nem sequer o isentou das perseguições de 1823 que motivaram a sua primeira emigração atravez da Inglaterra e da França, emigração que elle aproveitou para dilatar a esphera dos seus conhecimentos, observando por toda a parte os diversos systemas de arrecadação publica, visitando com attenção minuciosa muitos estabelecimentos fabris e dedicando-se tambem ao seu estudo predilecto da agricultura.

Em 1826 regressou a Portugal, no mesmo anno em que D. Pedro IV outhorgava a Carta Constitucional aos portuguezes.

A sua honestidade e os seus conhecimentos commerciaes, desenvolvidos na viagem e na sua residencia lá fóra durante tres annos, grangearam-lhe tal nome que, apenas entrou em Portugal, foi logo procurado pelos contratadores do tabaco, e, por um accordo com elles feito, transferiu a sua casa para Lisboa, onde veio ser director da Fabrica de Tabaco. N'esta administração prestou serviços importantes, em que ganhou a estima de homens eminentes, com os quaes sempre desinteressadamente trabalhou a favor dos interesses do seu paiz.

Aos homens, porém, que ao bem geral queriam até sacrificar commodidades materiaes e, com risco dos interesses de toda a ordem, pôr todas as faculdades ao serviço d'uma causa elevada, é que menos propicia era a época, época de desconfianças, de suspeitas que iam sobre tudo ferir aquelles que a intelligencia collocava em logares mais altos.

Pouco tempo poude Lopes Carneiro exercer as suas aptidões efficazes e pacificas. E' verdade que se alguem devia ser gloriosamente perseguido por intelligencia ou por patriotismo, ninguem tinha mais direito a isso do que o grande cidadão. Logica portanto foi a atroz perseguição que se lhe fez, logo em seguida á usurpação de D. Miguel, que o obrigou a homisiar-se e, por ultimo, a emigrar novamente em 1829. Residiu em França, onde poderia, se quizesse, aguardar o exito dos acontecimentos poupando-se aos dissabores e aos perigos da guerra da successão que começava a pelejar-se cá. Não era d'esses, porém. Onde podesse ser util a sua presença, onde fosse valioso o seu conselho e preciso o seu braço, lá estava elle. Logo que no Porto se fez o cerco, Lopes Carneiro deixou a França e veio apresentar-se n'essa cidade, onde taes conselhos prestou e taes serviços fez ao ministro José da Silva Carvalho, que este, ao regressar a Lisboa, em 1833, lhe propoz logo o entrar na carreira publica. Acceitou então um emprego, o de thesoureiro geral das Sete Casas. A certeza dos valiosos serviços que n'esse logar especial podia prestar, e em que os seus conhecimentos tão á vontade podiam espraiar-se, e a circumstancia de ter arruinado a fortuna em duas emigrações, a ponto de se ver obrigado a empenhar os bens patrimoniaes, demoveram-no a essa resolução.

Acceitou esse logar que, para ser bem desempenhado, exigia actividade prodigiosa. Pois tanta, e tão util poz em pratica no exercicio d'elle, que pouco depois era nomeado presidente da commissão administrativa do Contrato do Tabaco, e, por ultimo, director da Alfandega Grande de Lisboa.

Durante 14 annos exerceu este cargo, atravez de todas as phases politicas d'esse periodo. Pois a Alfandega Grande de Lisboa ahi está para attestar o que foi Lopes Carneiro como funccionario publico. N'este ramo da sua actividade é a Alfandega o maior monumento da sua gloria. Para transformal-a completamente, tanto no systema de movimento interno, como no aspecto exterior, serviam-lhe á maravilha os conhecimentos colhidos no estrangeiro, os edificios d'este genero que visitára nos principaes paizes, e os regulamentos que detidamente estudára. Elementos d'esta ordem acompanhados dos seus conhecimentos praticos, da sua sciencia commercial que lhe ensinava a adaptal-os nas condições necessarias, fizeram com que o seu nome ficasse perpetuamente ligado ao grande monumento da sua gloria. Foi incontestavelmente o director mais activo, mais habil, mais illustrado, que tem tido a Alfandega. Incansavel em formar um estabelecimento que estivesse á altura dos primeiros estabelecimentos aduaneiros da Europa, á medida que implantava um regimen severo, mantido durante a sua administração em proveito de todos e sem recalcitrações de nenhum dos seus subordinados, montava um systema de trabalho e compunha um regulamento alfandegario, que a todos podia servir de modélo. Foi elle que introduziu o uso dos engenhos e machinas e que mudou totalmente o aspecto interior do edificio, fazendo, como que por encanto, brotar jardins, arvoredos e aguas correntias, dos sordidos monturos encobertos por tapumes que ainda em 1834, existiam no interior do estabelecimento.

Esta radical reforma levou 14 annos a fazel-a o intelligente director, e durante este periodo, relativamente longo, teve a felicidade de vêr que todos os governos acatavam a sua honradez e respeitavam o seu trabalho.

*

* *

De resto, foi escasso o fructo de tanta fadiga. Em vez de accumular bens materiaes, como n'aquelle cargo lhe seria facil se qualquer ambição interesseira o movesse, Lopes Carneiro achou-se no fim da vida, depois de tantos sacrificios, mais pobre do que tinha começado, porque, como dissemos, nas emigrações perdêra os haveres patrimoniaes.

Só em 1835, a rainha, em attenção aos seus longos serviços, o premiou com o habito de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e em 1838 com uma Commenda da Ordem de Christo e o Titulo do seu Conselho.

Mais porém do que todas as condecorações que lhe pozessem ao peito, vale a memoria honrada que deixou do seu nome, da sua abnegação pessoal, da sua devoção civica. Amavam-no todos os homens de bem do seu tempo, todos os seus inimigos o respeitavam, e no meio d'estas sympathias, carregado de serviços mas não de annos, porque apenas contava sessenta e dois, succumbia o heroico revolucionario de 1820, no dia 14 de junho de 1847, a um ataque apopletico.

Como no principio dissemos, dois annos e meio depois, em dezembro de 1849, os negociantes de Lisboa mandaram erigir um mausoleu no cemiterio do Alto de S. João, onde estavam depositados os restos de Lopes Carneiro, e foram em grande numero assistir á trasladação. Todos os jornaes da época, *A União, A Lei* e *O Estandarte*, aproveitaram então o ensejo de dedicar longos artigos á memoria do cidadão benemerito que déra ao seu paiz quarenta annos de trabalho, de lucta, de sacrificio, e a quem, só dois annos e meio depois da sua morte, o paiz dava um testemunho publico da gratidão devida.

CORTES CONSTITUINTES
CARTA DE 1822
OS
HEROES
DE 1820
SEBASTIÃO DRAGO VALENTE DE BRITO CABREIRA
N.º 6
Avulso 60 réis por assignatura 50 réis
ASSIGNA-SE E VENDE-SE NA
TYP. MINERVA CENTRAL
14 LARGO DO PELOURINHO 17
LISBOA
REVOLUÇÃO DE 24 D'AGOSTO
JUNTA DO PORTO

SEBASTIÃO DRAGO VALENTE DE BRITO CABREIRA

A FORÇA de vontade, a coragem, a energia todas essas qualidades masculas que lhe deram um dos maiores logares entre os revolucionarios de 1820, estão profundamente desenhadas no rosto d'esse homem. Era d'aquelles para quem parece ter-se creado o proloquio popular: *D'antes quebrar que torcer.*

Filho do sargento-mór da comarca de Faro José Cabreira de Brito Arvellos, desde o berço foi apprendendo que a heroicidade militar era um predicado inseparavel da sua familia.

Nascido n'esta cidade do Algarve, deu-lhe a natureza do clima quasi africano todo o ardor, toda a quente vitalidade de que precisava, para pôl-a ao serviço da ideia patriotica, que accendia em impetos heroicos o animo de todos os seus gloriosos companheiros.

Reparae. Nas proprias palavras de seu nome parece residir o distinctivo onomatopaico das suas qualidades valorosas.

Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira nasceu a 6 de Janeiro de 1763 e em 1777 alistou-se no exercito.

Foi para a Universidade estudar mathematica, sendo cadete de artilheria, e, depois de obter o grau de bacharel n'aquella faculdade, foi promovido a tenente no regimento de artilheria do Algarve, onde estava servindo.

Foi n'esse posto que tomou parte nas guerras do Roussillon e Catalunha para as quaes voluntariamente se offereceu, assim como tambem por occasião da guerra de 1801 durante a qual commandou a artilheria do exercito da Beira-Baixa.

Em 1808 tomou o valente militar parte muito activa na revolta contra os francezes, que teve logar na cidade de Faro, revolta em que tambem luctaram corajosamente a seu lado os seus irmãos Belchior e Severo, e em que tambem se tornou notavel sua esposa D. Maria Alves Pinheiro Corrêa de Lacerda, que animava os populares, aos quaes distribuia armas e munições para se empenharem na lucta em defesa da patria enxovalhada.

Quando se formou no Algarve a Junta Provisoria, de que foi membro, promoveram-no a tenente coronel de artilheria 2, acompanhando depois como ajudante general o conde Monteiro-mór, quando este marchou para o Alemtejo á frente do exercito do sul. Foi esse mesmo general que o incumbiu de ir a bordo da esquadra ingleza para protestar contra as estipulações da convenção de Cintra.

Continuou a servir no regimento de artilheria 2, foi por algum tempo commandante da artilheria de Peniche e, sendo definitivamente encarregado, depois, do commando d'esse regimento, premiaram-lhe os seus serviços com uma commenda de Aviz da lotação de trezentos mil réis, declarando-se no diploma: *«Que tendo tido grande poder nunca abusára d'elle.»*

Foi em 1817 promovido a coronel para o regimento n.º 4, que estacionava no Porto, e n'esta situação se encontrava quando rebentou a revolução de 1820.

O coronel Cabreira entrou de corpo e alma n'esse movimento patriotico.

Tinha um grande amigo, Antonio da Silveira Pinto da Fonseca que já fazia parte do Synedrio e que dispunha absolutamente da vontade e da pessoa do bravo militar. Contou-lhe tudo, disse-lhe em phrases enthusiasticas o que seria necessario fazer em defeza da patria e terminou por pedir-lhe n'esse movimento toda a sua cooperação. Cabreira prometteu-a e foi então nomeado vice-presidente do governo provisorio que se formou no Porto.

Como se sabe, estava designado que a revolução rebentasse a 29 de junho. Foram porém mallogrados esses planos por desintelligencias occorridas entre os chefes militares, que se tomaram de razões uns com os outros, a ponto de se suspeitar que tudo estava perdido e de ser o proprio Fernandes Thomaz, que os espiões nunca largavam, obrigado a refugiar-se nas Caldas de Taipas e a esconder-se n'um aposento escuro, cuidosamente fechado. Ora, o motivo d'esta celeuma é facil dizel-o, dependeu apenas d'uma circumstancia ligeira e de uma ordem mal interpretada. O coronel Cabreira recebera ordem do ministro da guerra para mandar para Peniche um destacamento do seu regimento de artilheria; ao receber esta ordem julgou-se denunciado e trahido: foi ter com Silveira para se dar logo começo á Revolução. O Synedrio, inteirado d'isto, encarregou o tenente coronel Gil de ir entender-se com

SEBASTIÃO DRAGO VALENTE DE BRITO CABREIRA

Cabreira, que o recebeu muito mal, fingindo ignorar tudo de que se tratava e despedindo-o imperativamente. D'aqui se seguiram recriminações e ameaças entre os chefes militares, e d'aqui proviriam consequencias funestas se o sangue frio, a diplomacia e as maneiras affaveis de um dos revolucionarios, João da Cunha Sotto Mayor, não conseguissem reconciliar os animos alterados.

Serenada a tempestade foi a preocupação de todos, porque todos acima de tudo eram patriotas, preparar a revolução de um modo efficaz.

Resolvido que o dia 24 de agosto fosse o dia glorioso, o coronel Cabreira, logo ao amanhecer reuniu a artilheria no campo de Santo Ovidio, fez dizer uma missa a que assistiu com os soldados, e no fim d'ella, uma salva de artilheria de 21 tiros annunciava aos habitantes do Porto, que estava começado um grande feito!

Quando os outros regimentos iam juntar-se a Cabreira, uma circumstancia inesperada ameaçou enlutar esse dia que tão bello raiára: estava prompto no quartel o regimento 6, mas pedia á sua frente o coronel Grant, muito amado dos soldados. Tudo quanto lhes diziam os officiaes, para os persuadir do contrario, era inutil; queriam o seu coronel e diziam que com elle queriam ir ao fim do mundo. Presenciando esta reluctancia dos soldados, Cabreira trincava com os dentes os cabellos do bigode, o que sempre n'elle denotava grande colera interior. Mandou reunir o parque de artilheria e disse com voz terrivel: «Vou abrazar o regimento 6 no quartel.»

Poude felizmente o coronel Gil conseguir do regimento que sahisse sem o seu coronel, e d'esta fórma se evitou a catastrophe.

Então reuniu-se toda a força no Campo de Santo Ovidio e formou-se um conselho militar composto dos corpos, que publicou duas proclamações aos soldados, cheias de enthusiasmo e de patriotismo.

São bem conhecidos os acontecimentos que depois se realisaram no Porto. O exercito reunia-se e destinava-se a marchar para a capital. A Junta tomava o commando em chefe e o coronel Cabreira era nomeado commandante em chefe do exercito do sul, que se compunha dos regimentos de infanteria 6, 18, 11, 22, formando duas brigadas: batalhões de caçadores 6, 9, 10, 11; tres brigadas do regimento de artilheria 4; dois esquadrões do regimento de cavallaria 6 e dois do 9, reunindo-se tambem a este exercito todos os regimentos de milicias do partido do Porto. Depois d'esta marcha e da reunião das duas juntas do Porto e de Lisboa foi Sebastião Cabreira escolhido para presidente da junta preparatoria das côrtes.

Em 1821 foi elevado a brigadeiro, encarregado do commando militar da costa desde o cabo da Roca até á foz do Mondego e nomeado depois governador das armas do Algarve.

D'este cargo importantissimo o exoneraram logo que cahiu a constituição; sendo dimittido em 1824, e obrigado a expatriar-se, só voltou ao reino depois do juramento da carta constitucional.

*

* *

Este acontecimento era o ponto final na phase mais heroica do revolucionario de 1820. Iam ter logar acontecimentos novos, d'ahi em deante, pelejar se mais batalhas, cujo exito garantiria a nossa independencia ou iria augmentar a nossa velha escravidão. Tudo quanto ia passar-se seria ainda o prolongamento da mesma ideia patriotica, ou iria a fonte diversa buscar o impulso que levou os espiritos até ás luctas de 1833?

O que é verdade é que muitos d'esses caracteres estoicos, que tanto se sacrificaram pela causa nobre da emancipação do seu paiz, não esmoreceram no ardor que os impellia e continuaram a pôr talento ou força ao serviço da causa de D. Pedro, que talvez n'esse momento personificava para elles a redempção desejada e abortada pela traição infame de Villa Franca.

Entre esses poucos que acceitaram D. Pedro, como o libertador, foi Sebastião Cabreira um dos que mais se assignalaram.

Logo pouco depois de D. Miguel entrar em Portugal, foi elle reintegrado no posto de brigadeiro, emigrando para Inglaterra; e offerecendo-se depois para servir como soldado na Madeira, embarcou na fragata brazileira *Isabel*, a bordo da qual tambem seguiu seu irmão Diocleciano, depois barão de Faro.

Apenas esse navio de guerra tocou na ilha Terceira, segundo as ordens do duque de Palmella, ficou o general Diocleciano Cabreira encarregado do governo das armas, vindo juntar-se-lhe seu irmão Sebastião, reconhecida que foi a impossibilidade de desembarcar no Funchal.

Logo que seu irmão deixou a ilha ficou o brigadeiro Sebastião Cabreira encarregado da presidencia da junta provisoria até o dia em que esta se dissolveu pela chegada do conde de Villa Flôr.

Em 1831 foi o valente militar, depois de ter assistido á celebre batalha de 11 d'agosto, nomeado commandante geral d'artilheria, sendo-lhe confiado o governo das armas da Ilha Terceira todas as vezes que o general em chefe se ausentava.

Foi ainda o general Cabreira que, na qualidade de commandante geral de artilheria do exercito libertador, acompanhou a Portugal D. Pedro, quando este deixou os Açores e foi elle ainda o escolhido pelo rei soldado para governador interino das armas do Porto e da provincia do Minho, logo depois do reconhecimento de Vallongo e do combate de Ponte Ferreira.

Em todas as acções que se deram nas linhas do Porto desempenhou um logar brilhante o heroico militar, apparecendo em todos os pontos arriscados, tornando-se especionalmente notavel na acção de 29 de Setembro, em que elle, reconhecendo n'um golpe de vista que o inimigo se assenhoreava das trincheiras e que os soldados estavam meio desanimados, cheio d'enthusiasmo, puxou da espada, collocou-se na frente d'elles, fez-lhes uma allocução appellando para a coragem e para o patriotismo de todos, e porfim, collocando-se na vanguarda, levou de vencida as tropas miguelistas e affastou-as completamente das posições que já haviam tomado.

Por este feito glorioso foi Sebastião Cabreira agraciado com a commenda da Torre e Espada. E como se ainda não bastassem tantas provas de valentia e de civismo, não foi repousar da lucta á sombra da gloria conquistada, antes cada vez se empenhou mais n'esses combates homericos que se deram no norte do paiz, mostrando sempre o valor mais alto em todos os ataques contra os defensores da nobre cidade.

Gastas porem as forças, de uma fórma tão util, e tão desinteressada, no serviço da patria, Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira, exhalava no dia 2 de junho de 1833 o ultimo suspiro, sendo sepultado o seu cadaver na egreja da Cedofeita da cidade do Porto, que ficava sendo o repositorio das suas cinzas, como fôra o theatro das suas glorias.

CORTES CONSTITUINTES
CARTA DE 1822
OS
HEROES
DE 1820
JOSÉ MARIA XAVIER D'ARAUJO
N.º 7
Avulso 60 réis — por assignatura 50 réis
ASSIGNA-SE E VENDE-SE NA
TYP. MINERVA CENTRAL
14 LARGO DO PELOURINHO 17
LISBOA
REVOLUÇÃO DE 24 D'AGOSTO
JUNTA DO PORTO

JOSÉ MARIA XAVIER D'ARAUJO

NÃO contente em prestar ao movimento revolucionario de 1820 todo o auxilio da sua intelligencia e todo o valor da sua dedicação, Xavier d'Araujo fez ainda um serviço importantissimo, escrevendo as *Revelações e Memorias para a historia da revolução de 24 d'agosto de 1820 e de 15 setembro do mesmo anno.*

N'um volume de pouco mais de duzentas paginas, paginas sinceras e honradas, em que elle procura sacrificar o enthusiasmo patriotico á verdade dos factos, conta Xavier d'Araujo os mais interessantes promenores acerca d'essa revolução, aprecia com manifesta justiça alguns dos homens que mais contribuiram para o bom exito d'ella, e descreve singellamente a fórma porque elle mesmo entrou no Synedrio, o papel que desempenhou, os serviços que fez. E por que esta biographia escripta pelo proprio biographado em 1846, isto é, 26 annos depois do grande acontecimento, tem um valor mais subido e mais actual do que quanto podessemos dizer, vamos reproduzir d'essas paginas os trechos que dêem mais completa idea da individualidade de Xavier d'Araujo.

Depois de descrever detalhadamente a instituição do Synedrio, os trabalhos preparatorios, as forças de que dispunha, conta n'estes termos a sua admissão: «Tal era o estado das cousas no mez de janeiro de 1820, quando cheguei ao Porto; tendo acabado de servir o logar de provedor da comarca de Vianna, e conservando muitas relações na provincia do Minho, e intimas com o coronel Barros, commandante do regimento n.º 9 de infanteria, e da brigada n.s 9, 21 e 12 de caçadores, eu fui julgado proprio para o trazer á Revolução; consideração esta decisiva, junta com a de revelações particulares de amizade, que eu tinha com alguns membros do Synedrio; tudo isto decidiu a minha admissão para elle, que se verificou em uma tarde do mez de junho na casa de Duarte Lessa em uma reunião geral e solemne dos membros d'elle. Sem embargo de ter presenceado muitos d'estes actos, devo confessar que fez sobre mim impressão profunda o discurso, que Fernandes Thomaz me dirigiu. Presidia elle e com sua voz fortemente accentuada pintou o estado do paiz, sem rei que o governasse, um general estrangeiro senhor do exercito, estrangeiros tambem governando as provincias, nossa independencia do Brazil, e emfim a Revolução de Hespanha, que acabava de terminar felizmente com o juramento de Fernando VII á constituição de Cadiz. Ficaremos nós assim? Ou devemos continuar n'este aviltamento? Repetiu elle muitas vezes com força! A figura de Fernandes Thomaz, as suas cans respeitaveis, tudo o fazia sublime n'essa occasião! Sahi enthusiasmado e capaz de arrostar os maiores perigos!»

. . . .

«No dia immediato me communicou Borges os Estatutos do Synedrio e as forças de que este dispunha para levar a effeito a Revolução; eram todas as que compunham o partido do Porto e a provincia de Traz-os-Montes; restava só no Norte a força militar do Minho, numerosa, e forte, pois se compunha dos Regimentos n.º 9 e 21 de infanteria, 12 de caçadores e n.º 15 aquartellado em Braga; commandava toda esta força o coronel Barros, servindo de brigadeiro; seu intimo amigo, razão tinha para contar com elle para a Reovlução, porque, alem da nossa intima amizade, me dissera em janeiro de 1820 no Porto, onde ambos fallámos, as seguintes palavras:—Meu amigo sou por aqui muito festejado; por toda a parte vejo caras alegres e risonhas! Se se trata de alguma cousa séria conta commigo como comtigo mesmo;—estava pois seguro de Barros, e prometti a sua cooperação que era essencial, porque, suppondo a Revolução infeliz no Porto, o Synedrio á frente das forças do Minho, com a rectaguarda segura na Praça Forte de Valença, e faceis communicações com a Galliza, estava certo de triumphar afinal. Dada esta segurança decidiu-se o dia da Revolução para 29 de Junho; no dia 22 escrevi a Barros, para se achar em Braga em logar designado, afim de tratarmos de negocios importantes; não faltou nem eu; expuz-lhe então o motivo da minha carta e da minha convocação; breve foi o meu discurso, porque suppunha fallar com um homem persuadido e decidido; notei, porém grande alteração na sua phisionomia, e não foi pequeno o meu espanto quando Barros me respondeu: — Meu amigo, as circumstancias mudaram depois do mez de janeiro, o Marechal foi ao Rio, espera-se por momentos, e eu dei a minha palavra de honra ao general da provincia João Wilson, de não concorrer para revolução alguma na sua ausencia; não posso pois faltar ao que prometti, e em conclusão, meu amigo, fallo-te com amizade: tu corres á tua perdição com os teus amigos. A revolução não se faz em Portugal; a de Hespanha vai a ser suffocada, e eu mesmo tenho ordens do governo portuguez para me pôr em communicação com o coronel Pereira da Galliza e começar a contra-revolução n'aquelle paiz. E' pois prematura a tua jornada a Braga e póde comprometter-me! Estamos cercados de espiões e talvez a esta hora se saiba já no Quartel Genaral de Vianna, da nossa conferencia; portanto para desvanecer todas as suspeitas, eu exijo de ti que saias já, já, da cidade. — Com effeito, não obstante tudo o que pude dizer-lhe, foi forçoso sahir de Braga e partir para as Caldas das Taipas, onde se achava Fernandes Thomaz; fui a sua casa participar-lhe o acontecido, achei-o em um aposento escuro e cuidadosamente fechado. —Meu amigo, me disse elle, vem achar-me no segredo. A nossa Revolução mallogrou-se no Porto! Que se ha pas-

JOSÉ MARIA XAVIER D'ARAUJO

sado em Braga?—Contei-lhe a minha conferencia com o coronel Barros e disse-me por fim:—vá sem demora cuidar da sua segurança, e veja se escapa á sorte que nos ameaça a todos!—Parti já de noite para minha casa e confesso que os dias mais amargos da minha vida foram os que se passaram até ao fim de junho d'esse anno! Por vezes decidi salvar me na Galliza, porém a lembrança do terrivel coronel Pereira me dissuadia d'isso. No fim de junho um expresso de Ferreira Borges me restituio a tranquilidade; mandava-me elle as folhas inglezas d'esse mez, e dentro de uma d'ellas um pequeno bilhete muito substancial com as seguintes palavras:=Meu amigo, estivemos quasi perdidos, porém hoje a nau voga em um mar bonançoso e tranquillo.»

Na biographia de Sebastião Cabreira mostrámos como a desintelligencia entre os chefes militares tinha produzido toda esta celeuma.

Depois, serenada a tempestade, sabe-se como todos se prepararam para o dia glorioso da revolução e como todos n'esse dia se egualaram no mesmo enthusiasmo patriotico.

«Eu fui chamado, diz Xavier d'Araujo, no dia 23 de agosto por um pequeno bilhete de Ferreira Borges, no qual me dizia o seguinte:—Amanhã será despedida a bola da mão, apressa-te a partir para aqui.—Recebi este bilhete ás 10 horas da manhã do dia 23, e ás 11 da noite estava a cavallo e atravessava a azinhaga que separa a minha casa da estrada real de Guimarães para o Porto; uma lua brilhante allumiava os valles e os outeiros; o maior silencio por toda a parte, silencio só interrompido pelos pios das aves nocturnas: 26 annos são passados desde essa noite e todavia ella está gravada em minha memoria com lettras de fogo! Qual seria o meu destino? E o da Patria! Como receberia ella a liberdade que se lhe offerecia! Taes eram meus pensamentos. Pouco depois um estrondo longiquo de artilheria me annunciou a Revolução! Era a 4 leguas do Porto, mas desde ahi até á cidade nem o mais leve indicio observei da Revolução! Os lavradores trabalhavam nos campos e mesmo dentro da cidade nada observei que mostrasse que havia movimento extraordinario.»

E era n'este estado pacifico, n'esta adhesão espontanea dos espiritos, que se realisava o maior acontecimento que Portugal presenceou n'este seculo.

Nos mezes que decorreram até dezembro, o governo tratou de exercer numerosos actos da sua administração, pondo o seu principal cuidado na convocação das côrtes constituintes; é ainda este honrado chronista da Revolução que nos descreve n'estas palavras o resultado d'estes trabalhos; «Com o mez de Janeiro de 1821 começaram a affluir á capital os deputados, em resultado das eleições que se fizeram em todo o Reino com uma exemplar ordeme regularidade; constituiu-se a camara, e então se apresentaram em corpo a Junta Provisoria de Governo e a Junta preparatoria de Côrtes e depositaram ambas no seio do congresso constituinte a auctoridade, de que as revestia o destino e a Revolução! Foi um momento solemne e magestoso! Os membros que eram deputados sahiram da fileira, onde estavam com os outros membros do governo e foram reunir-se e tomar assento entre os seus collegas, os outros entraram na classe de simples cidadãos e com elles se confundiram; nenhuma distincção valiosa ou honorifica os acompanhou ou seguiu, e todos regeitaram os 6$400 rs. diarios, que as Côrtes, logo nas primeiras sessões, decretaram para todos os membros do governo, que serviram desde 24 d'agosto de 1820 até á instauração das Côrtes em janeiro de 1821. Eram tempos de desinteresse e o deviam ser! Como membro que fui d'essas côrtes, podia eu dizer alguma cousa dos seus primeiros trabalhos; porém outra penna mais elegante e mais exercitada os descreve ou tem já descripto; portanto fico aqui nas minhas Memorias e Revelações, que escrevi—*sine ira, et odio.*»

*
* *

Antes de completarmos os traços biographicos d'esta individualidade, parece-nos curioso reproduzir das *Memorias* a opinião auctorisada de Xavier de Araujo ácerca dos dois notaveis vultos da Revolução, Fernandes Thomaz e Fr. Francisco de S. Luiz. «... Tudo isto mostra o que já disse: que Fernandes Thomaz era dotado de uma singular rectidão de juizo. Comtudo não o considero um completo homem politico no sentido absoluto da palavra; eu defino a sciencia politica o conhecimento de todas as theorias e modos de governo, porque se teem regido as nações antigas e modernas, combinado este conhecimento com o estudo da historia d'essas nações, vicissitudes pelas quaes passaram e differentes phases que correram; n'este sentido é que eu digo que não considero Fernandes Thomaz um completo homem politico; elle conhecia bem a historia civil e politica do seu paiz, porém a dos outros creio que pouco... Escrevia a custo e antes de produzir um papel rasgava muitos; seu estylo era sem amenidade, resultado talvez de seus estudos pesados de jurisprudencia. O Manifesto á Nação é obra sua; eu o vi escripto todo de sua mão e tambem depois me mostrou os fragmentos d'elle, quando julgou necessario rasgal-o com temor de ser preso por occasião da discordia dos militares entre si, em junho de 1820. A proclamação dos soldados do Porto aos de Lisboa por occasião da revolução de 24 de agosto, é tambem sua, eu a vi escrever sobre uma pequena meza na sala das nossas sessões. A proclamação aos habitantes de Lisboa é tambem sua, fez varios rascunhos e rasgou muitos. Que differença para Fr. Francisco de S. Luiz! Este escrevia com uma placidez admiravel; nada era forçado nem constrangido! não levantava a pena de sobre o papel, e seus olhos brilhavam com o fulgor do genio! A carta aos governadores do Reino é obra de S. Luiz; eu a vi escrever toda inteira; não foi pensada de antemão, nem preparada, porque foi resolução da Junta, tomada no momento e realisada por elle immediatamente, e alli mesmo. Mais mais tarde escreverei alguma cousa sobre personagens do meu tempo: os velhos vivem mais no passado que no presente, e eu estou nesse caso.»

*
* *

Confiaram-lhe commissões importantes, resalta o mais desinteressado civismo de todas as paginas do seu livro, que ficou sendo o mais authentico padrão da sua modestia, da sua honradez e do seu valor.

José Maria Xavier d'Araujo nasceu nos Arcos, sendo seu pae o desembargador Francisco Xavier d'Araujo, conselheiro e fidalgo cavalleiro. Na sua mocidade dedicou-se á magistratura como seu pae, e depois de todos estes acontecimentos, emigrou durante o reinado de D. Miguel, voltando a Lisboa algum tempo depois da entrada do exercito constitucional. N'esta cidade continuou no exercicio de magistrado, passando depois para o Porto, onde morreu deixando viuva e tres filhos, e onde se conserva a memoria do seu nome honradissimo.

CORTES CONSTITUINTES
CARTA DE 1822
OS
HEROES
DE 1820
DUARTE LESSA
N.º 8
Avulso 60 réis — por assignatura 50 réis
ASSIGNA-SE E VENDE-SE NA
TYP. MINERVA CENTRAL
14 LARGO DO PELOURINHO 17
LISBOA
REVOLUÇÃO DE 24 D'AGOSTO
JUNTA DO PORTO

DUARTE LESSA

ORREU contando apenas 44 annos, que deixou assignalados pela lucidez da intelligencia e pelo estoicismo do caracter.

Nasceu no Porto a 13 de outubro de 1788 e morreu em Liverpool no mesmo mez de 1832. Foi commerciante, como seu pae Francisco José da Silva Lessa, negociante de sedas.

Estas duas cidades do commercio assistiram ao alvorecer do seu espirito e ao seu occaso.

A alta ideia da liberdade que o levou a trabalhar por ella em sacrificio proprio, arruinando a saude e esgotando a fortuna, bebeu-a a largos haustos n'essas duas terras classicas do trabalho, a cuja luz elle via raiar todas as liberdades da consciencia e todas as emancipações do espirito.

Contava trinta annos em 1818, edade bella, em que as faculdades mais nobres do homem parecem attingir a sua maxima florescencia.

O seu talento, o seu amor ao estudo, o seu odio aos despotas, o seu horror pela escravidão que nos opprimia, a sua entranhada aspiração da liberdade, chamavam-n'o para o pé dos homens que se impunham pela respeitabilidade dos annos, pela honradez do caracter e pela penetração da intelligencia.

A ideia de desforra, a ideia de emancipação, atravessava todos os espiritos, mas aqui e ali tinha de fugir apressada, porque o medo, a pusilaminidade, os interesses creados á custa de tradições estultas ou de baixas adulações, cedo a repelliam, como inimiga perigosa.

Para abraçal-a, para amal-a e confundir com ella os mais intimos alentos, a propria personalidade, era forçoso não ter uma curvatura na espinha, nem uma transigencia no caracter; era preciso ter um cerebro robusto e sobretudo um coração largo, onde achassem ecco todas as angustias da patria e por onde podesse dilatar-se toda a ideia da redempção.

É por isso que quando estamos delineando estas individualidades poderosas, nos saem instinctivamente, muitas vezes, as mesmas palavras dos bicos da penna. D'esta pleiade formidavel de homens varonis, não ha um só a quem não compitam em toda a sua accepção, as palavras *abnegação, estoicismo!*

É que se uns tinham a primazia da intelligencia como Fernandes Thomaz, outros a da valentia como Sebastião Cabreira, e outros a da erudição como Ferreira Borges ou Fr. Francisco de S. Luiz, no amor rasgado da patria, no desinteresse, e na abnegação propriamente dita, todos se confundiam, todos se egualavam.

D'estes predicados que formam a individualidade d'um caracter, Duarte Lessa foi um dos mais contemplados, e por isso foi um dos que primeiro comprehenderam a necessidade de uma libertação prompta.

Foi elle um dos primeiros membros do Synedrio que no mesmo anno de 1818 se associou a Fernandes Thomaz, a Joãe Ferreira Vianna, a José Ferreira Borges e a José da Silva Carvalho.

Essa associação até fins de 1819 compunha-se d'estes homens e de José Pereira de Menezes, Francisco Gomes da Silva, João da Cunha Sotto Mayor, José Maria Lopes Carneiro e José Gonçalves dos Santos Silva. Os outros vieram depois.

Para calcular-se a propaganda de Duarte Lessa, o valor de seu nome, basta saber-se que foi em sua casa na rua do Jardim, do Porto, que, no dia 24 d'agosto, o dia da revolução, se reuniram todos os seus companheiros, como n'outros dias anteriores n'essa mesma casa se tinham reunido para accordarem nos meios a empregar para o bom exito da generosa tentativa, como ahi mesmo se tinham reunido n'essa memoravel tarde de junho em assembléa geral e solemne presidida por Fernandes Thomaz, cujo discurso sublime e commovente, n'essa reunião proferido, enthusiasmou todos os que o ouviam e que d'esse momento em deante se julgaram capazes de arrostar os maiores perigos.

Emquanto no dia 24 d'agosto, se reuniam outra vez, a mais solemne de todas, n'essa casa historica da rua do Jardim os membros do Synedrio, postavam-se as tropas nas immediações, e, depois de resoluções estrategicas, marchavam todas para o Campo de Santo Ovidio.

O serviço que n'esse mesmo dia prestou Duarte Lessa á cauza patriotica, deve ficar aqui assignalado.

Havia pouco dinheiro e era preciso pagar ás tropas. Elle aproveitando-se então da influencia do seu nome, obteve por meio do commercio do Porto, a quantia necessaria para satisfazer esses pagamentos. Este serviço importantissimo, bastaria, senão tivesse outros, para justificar qualquer collocação importante com que lh'o permiassem. Pois alem de secretario da commissão para a reforma da tarifa das alfandegas, n'aquella cidade, cargo que havia muito desempenhava, nunca exerceu outro. Nunca por qualquer pretexto quiz receber dinheiro do thesouro publico.

Logo que cahiu a constituição emigrou para Inglaterra, porque conheceu que tudo corria mal e quando veio a carta, em 1826, vendo lucidamente o estado e o futuro das coisas portuguezas, disse lá mesmo, a Lopes Carneiro e a Ferreira Vianna, n'um grande abatimento, augmentado pela nostalgia:

«Eu não vou por que não quero ir e voltar logo.»

DUARTE LESSA

Em Liverpool se conservou sempre, e, de lá, por lhe escassearem os meios, foi forçado a levantar dinheiro sobre as suas propriedades do Porto.

O imperador conhecendo-o de perto foi seu amigo particular e a instancias suas, conseguiu, attendendo aos seus meios já precarios, que o nomeassem vice-consul do Brazil, n'aquella cidade ingleza. E de tal forma desempenhou esse cargo, e de tal forma apreciava D. Pedro essa intelligencia e esse caracter que, apenas regressou á Europa mandou expedir-lhe o seguinte documento que transcrevemos na integra, em honra da sua memoria:

«Sua Magestade o Imperador, o Sr. Duque de Bragança, informado do zelo, capacidade, probidade e prestimo que concorrem na pessoa de V. M.cê e desejando que todas estas boas qualidades se empreguem em beneficio da nação portugueza, no serviço de Sua Magestade Fidellissima, me ordena que eu lhe participe que Sua Magestade Imperial estimaria muito que V. M.cê se dirigisse d'ahi á Ilha Terceira, para onde Sua Magestade Imperial vae partir muito brevemente, e onde está certo de que a Regencia começará logo a utilisar o seu prestimo, que mais tarde o mesmo Augusto Senhor confia que será de grande vantagem em Portugal.

Deus guarde V. M.cê Paris em 16 de Janeiro de 1832.

Candido José Xavier»

*

* *

Ahi deixamos dito o que foi Duarte Lessa, como patriota e como funccionario. As ultimas palavras d'este documento que transcrevemos, hão de ficar como a glorificação historica do seu nome, como a affirmação publica do seu caracter e da sua util intelligencia.

O que ainda não dissemos, e não podemos ommittir, é que, alem de tantas qualidades nobilitantes, passava este espirito fino por um dos mais instruidos e mais dedicados ao cultivo das bellas lettras.

Não o desviavam os seus estudos economicos e commerciaes em que era profundo, e com cujos primeiros elementos se habilitara pela Escola do Porto, dos seus auctores classicos, dos seus poetas, que todos versava, como quem de muito perto os conhecia.

Prova-se por documentos que ficaram que cooperou em em grande parte com Ferreira Borges e outros collegas seus mais instruidos em diversas obras litterarias. Prova-se mais ainda, que o consultaram em assumptos de lettras, homens eminentes do seu tempo, escriptores de nome celebre.

Garrett consultava-o amiudadas vezes sobre as suas obras. Uma longa carta acabamos de ler escripta pelo punho do grande poeta, uma carta dirigida a Duarte Lessa, *o seu amigo*, na qual não só lhe dedica a *D. Branca*, como lhe pede com instancia para que lh'a corrija.

Essa carta é escripta do Havre e tem a data de 1825.

Da leitura attenta d'esse precioso documento, infere-se a auctoridade de Duarte Lessa em assumptos de litteratura. Garret refere-se a conversações entre ambos, sobre classicos, sobre a decadencia das lettras, e por vezes confessa acceitar as indicações suscitadas pelo seu amigo. Conta-lhe na encantadora simplicidade do seu estylo a historia commovente d'essa D. Branca, inspirada pela leitura d'uma velha chronica e diz-lhe que manancial de poemas, de romances vivos, de dramas sentidos, se encontram por essas chronicas dos mosteiros abandonadas e poeirentas.

Esta carta é um primor d'estylo e se na descripção d'ella nos alongámos foi simplesmente para dar idéa do alto valor litterario e critico d'um homem, litterariamente obscuro, a quem pedia conselhos sobre suas obras, o vulto mais notavel nas lettras do seculo XIX.

*

* *

Duarte Lessa estava de cama quando recebeu o honroso convite do imperador, acima reproduzido. Acabava de partir uma perna ao sair de casa de Lopes Carneiro. Respondeu ainda que se melhorasse com todo o prazer cumpriria a ordem de Sua Magestade. Isso tencionava fazer e d'isso mesmo prevenira seu filho, o actual conselheiro Lessa, director aposentado dos correios, que sendo então muito novo estudava medicina em Edimburgo. Infelizmente peorou, sobreveio-lhe uma paralysia e morreu poucos dias depois.

Era tal a sua pobreza, contando apenas 44 annos, e tendo possuido uma fortuna importante, toda despendida no serviço da cauza liberal, que para que seu filho podesse vir para o Porto, visto que já não podia completar em Edimburgo o curso de medicina, cujo 4.º anno então frequentava, tiveram de lhe abrir uma subscripção Lopes Carneiro e Ferreira Borges.

O Imperador, que então estava no Porto, saudoso do seu grande amigo, cuja memoria honrada como poucos conhecia, abraçou o moço estudante e disse-lhe commovido estas palavras: «Perdeu seu bom pae, mas encontrará outro egual.»

Depois, sabe-se muito bem, como esse nome illustre nunca foi enxovalhado, sabe-se como em exemplos de honradez, em valentia provada no Porto, nas luctas da independencia, e n'uma lista numerosa de serviços publicos, o sr. conselheiro Lessa, tem perpetuado a memoria de seu honrado e glorioso pae.

*

* *

É difficil, senão impossivel, reunir nas poucas linhas que nos é permittido escrever, a biographia dos homens que imprimiram com a sua grande força de vontade, com o seu acrisolado patriotismo, com uma honradez inconcussa e livre de toda a macula, o movimento extraordinario que trouxe o advento da liberdade a Portugal, despedaçando para sempre as odiosas cadeias de um despotismo execravel que para sempre tambem parecia ter envolvido a nacionalidade portugueza. Demais, o caracter d'esses homens que pela sua austeridade modesta pareciam comprazer-se em lançar na sombra da vulgaridade os seus vultos assombrosos de valor, de abnegação, de intelligencia e aptidões variadas, contribue ainda para augmentar as difficuldades e avultar o trabalho afadigoso de pesquizas nos documentos Coevos, que só pouco a pouco, pacientemente e com o correr vagaroso dos tempos podem ser colligidos, coordenados e comprehendidos.

Assim vemos Duarte Lessa, a quem Garrett muito considerava, completamente desconhecido no campo das lettras que aliás cultivou de um modo lisongeiro, senão superior; e a apreciação errada de hoje só póde ser modificada amanhã até que a verdade irrompa brilhante, atrávez dos tempos, para firmar emorredoura a memoria de esse varão illustre, a quem devemos tanto e que, trabalhando em prol da liberdade, legou aos posteros exemplos de abnegação extraordinaria, virtudes civicas incomparaveis e uma vida cheia de amor ao trabalho, dedicação á patria que lhe foi berço, e obediencia constante á honra e ao stricto cumprimento do dever com desprezo dos proprios interesses — o que é raro na nossa historia — se exceptuarmos esse periodo brilhante em que viveram os homens de 1820!

OS HEROES DE 1820

BERNARDO CORRÊA DE CASTRO E SEPULVEDA

N.º 9

Avulso 60 réis — por assignatura 50 réis

ASSIGNA-SE E VENDE-SE NA
TYP. MINERVA CENTRAL
14 LARGO DO PELOURINHO 17
LISBOA

BERNARDO CORRÊA DE CASTRO E SEPULVEDA

ÃO obstante ser o ultimo membro do Synedrio, onde conservou o numero 13, foi dos primeiros a honrar essa notavel assembléa e a servir o paiz logo que elle appellou para o seu braço e para a sua intelligencia.

Tendo nascido na cidade de Bragança a 20 d'agosto de 1791 contava apenas 29 annos quando rebentou a revolução de 1820. Já comtudo commandava um corpo, o regimento de infanteria 18, que chegava ao Porto no dia 16 d'agosto, isto é, oito dias antes de se realisar o glorioso acontecimento.

Antes, porém, de proseguirmos na sua biographia e de contarmos os rasgos da sua vida militar digâmos, porque é indispensavel, quem era seu pae, e como nos grandes exemplos recebidos desde a infancia, elle se foi preparando para os grandes actos de heroismo que fez no serviço da patria.

Seu pae era o general Manoel Jorge Gomes de Sepulveda, que ficou conhecido na historia principalmente pela parte que tomou na restauração do reino em 1808, epoca gloriosa na sua vida, em que elle foi o primeiro chefe da acclamação do governo legitimo em Traz-os-Montes, seguindo-se actos verdadeiramente heroicos com os quaes contribuiu para o bom exito da revolução que então se projectava. Foi Sepulveda que á frente do povo acclamou o principe regente, foi elle que, chamando ás armas todos os transmontanos e os milicianos a quem se dera a baixa por ordem dos francezes, organisou alguns corpos de linha e milicias, fasendo sempre progredir o movimento começado, e contribuindo para se installar no dia 21 d'esse anno uma junta do governo que a principio se chamou junta suprema, e depois provincial, de que foi presidente. Ficaram assignaladas as medidas que então tomou. Renovou o chamamento ás armas de todos os cidadãos contra o inimigo commum, ordenando que no praso de trez dias todos os francezes saissem da provincia. Estabeleceu uma linha de defesa no Douro e por convites que fez aos generaes e governadores militares conseguiu ver rebentar com todo o enthusiasmo a revolução em todas as terras do Minho e algumas da Beira, e se elle proprio não tomou parte activa na guerra peninsular, foi porque d'isso o impediu a sua edade avançada e porque morreu pouco depois.

No meio d'estes heroicos exemplos, vistos em flagrante, estudados tão de perto se formou o caracter militar de Bernardo Sepulveda, que deveu tambem a sua mãe, D. Joanna Corrêa de Sá Vellasques e Benevides (da casa da Asseca) a educação a mais esmerada e ao mesmo tempo a mais apta para todos os commettimentos valorosos.

Como dissemos, a 16 d'agosto entrou no Porto o coronel Sepulveda com o seu regimento. Conheciam-no quasi todos os membros do Synedrio e sabiam de quanto heroismo elle era capaz. Tratando-se de marcar o dia da revolução, resolveu a assembléa esperar que elle chegasse para o decidir a entrar n'ella. Com effeito apenas entrou no Porto foi logo para esse fim convidado e dois dias depois matriculava-se no Synedrio sob o n.º 13. Assentou-se emfim fixar o dia 24 d'agosto para o glorioso rompimento, trez dias antes ajustou-se uma conferencia entre Fernandes Thomaz e Antonio da Silveira para tratarem do manifesto que por essa occasião se fasia ao paiz: realisou-se essa conferencia em casa do primeiro que apresentou o manifesto, por elle feito expressamente, dias antes. Antonio da Silveira reprovou-o e disse que só assignaria um que trazia comsigo, com estas bases: seria formado um conselho militar dos coroneis dos corpos da guarnição do Porto: este conselho convocaria a camara municipal, que ouvindo o povo e consultando-o, lhe proporia os nomes d'aquelles que deviam formar uma Junta do Governo, que se chamaria Junta de Braganções, e seria a sua unica tarefa fazer uma representação ao rei para que voltasse a Portugal e remediasse os males da patria. «Eis aqui o que eu só assignarei» accrescentou Silveira, aliás nem eu nem os meus

BERNARDO CORRÊA DE CASTRO E SEPULVEDA

concorreremos para a revolução. Teve de romper-se a conferencia porque contra esta obstinação foi inutil toda a eloquencia de Fernandes Thomaz, que teve de convocar o Synedrio e contar-lhe o succedido, disendo que tudo estava perdido no seu entender, que não admittia sobre isto a menor reflexão e que era escusado querer convencer Silveira. Ia já degenerando esta conferencia em altercação quando Lopes Carneiro, dando um grande murro sobre a mesa, disse: «Se um só homem se impõe á revolução porque se não hade prescindir d'elle, ou sacrificar esse homem?»

O coronel Sepulveda, que assistia com toda a tranquillidade a estas altercações, levantou-se, desembainhou a espada, e disse: «Eu não venho aqui para disputas, venho só para tratar dos meios e do dia da revolução! É preciso convencer Silveira por todos os modos, e para isso me offereço, acompanhado de dois do Synedrio que me queiram seguir.»

Offereceram-se então Ferreira Borges e João da Cunha, consentindo n'isso a custo Fernandes Thomaz, que disse: «Pois vão, mas não fazem nada, e, voltando-se para o socio, que dera o murro na mesa: eu convenço-me com razões e não com murros.»

No dia 22 foram ter os trez com Silveira, e depois de obstinada dispûta poderam convencel-o a ouvir o manifesto, que Ferreira Borges levava em substituição do de Fernandes Thomaz. «Este sim, eu o assignarei» disse então Silveira, e ficaram todos d'accordo.

Como estava marcado para a revolução o dia 24, todos os membros do Synedrio presentes no Porto, se juntaram no dia 23 em casa de Ferreira Borges, para escreverem as proclamações e cartas necessarias, á camara e ás auctoridades, sendo notavel que, tendo ficado a Imprensa do Porto, desde a tarde de 23 cercada de soldados para impedir a communicação dos operarios com o publico, as auctoridades ignoraram-no completamente. Só o velho general Canavarro foi no dia 22 informado da revolução por Sepulveda, a quem respondeu: «Não me opporei, porem, tambem não entrarei, porque não quero atraiçoar o governo que sirvo.»

No dia 24 rebentava triumphante essa revolução. «Tudo no campo de Santo Ovidio era movimento e alegria, escreve uma testemunha ocular. O coronel Sepulveda cercado de povo lançava a barretina ao ar dando vivas á revolução; os soldados e povo imitavam-no e correspondiam; tal era o espectaculo que se offereceu aos meus olhos quando me reuni aos meus collegas do governo em uma das salas baixas da casa da camara; e começámos os nossos trabalhos governativos; foram estes: publicar o manifesto á Nação, expedir circulares ás auctoridades militares e civis das provincias para prestarem obediencia ao novo governo; escrever á Regencia de Lisboa uma carta explicita sobre os fins da revolução e decretar a creação de um Thesouro Publico no Porto, destinado a receber as rendas publicas e a satisfazer todas as despezas do serviço. Esperaram-se depois noticias das provincias e da capital; no Norte tudo obedeceu ao mandato da junta, o general Wilson, governador das armas do Minho entregou socegadamente o commando da provincia ao coronel Barros; o general Blount, em inspecção dos corpos de linha da provincia do Minho, foi surprehendido pela revolução em Ponte de Lima, o batalhão de caçadores 12 aquartellado n'esta villa obedeceu á voz do capitão Menezes, e acclamou a junta abandonando os seus officiaes superiores inglezes e o mesmo general.»

Emfim a revolução triumphou por toda a parte e a Junta Provisional do Governo Supremo do Reino dirigiu d'ahi em deante o paiz. Duas vezes, a primeira em Lisboa e a segunda em Alcobaça, tentou dissolvel-a Antonio da Silveira por não lhe acceitarem as suas propostas, e ainda da segunda abortou a tentativa, graças ao coronel Sepulveda. Logo que este foi informado d'esses projectos de dissolução, no momento em que estacionava com a divisão ligeira em Chão de Maçãs, annuiu ao pedido confidencial que lhe era feito para que desse força ao governo.

Partiu com a sua divisão e appareceu pelas alturas de Alcobaça na manhã de 29 de setembro. Ali postou a divisão e, partindo para o Mosteiro, onde estava a Junta, convocou-a, e em um discurso que lhes fez, disse que deviam cessar todas as discordias, para que chegassem todos unidos a Lisboa, reunindo-se á Junta ali existente, e convocassem côrtes, ás quaes entregariam o governo do reino.

Toda a Junta conveio, e com effeito no dia 1 de outubro dava o governo do Porto entrada na capital, no meio do enthusiasmo publico.

* * *

Serviços d'este valor praticou o valente militar sempre no interesse da patria, sem nunca trahir os seus principios, e d'esse systema constitucional que tanto ajudava a implantar foi elle até 1823 um dos mais generosos partidarios. Foi elle que na frente da Junta, quando o exercito liberal marchava para Lisboa partiu para o Vouga, Coimbra e Vizeu. Em toda a parte por onde passou, foi elle que desenvolveu o enthusiasmo pela revolução, e foi elle ainda que, quando depois passou á Extremadura, marcheu sempre nos postos avançados, destruindo todos os obstaculos com que teve de luctar a Junta para chegar á capital.

Depois foi eleito deputado para as côrtes constituintes e nomeado governador das armas da côrte, logar que desempenhava quando se deu a Villafrancada em maio de 1823. Data d'aqui o que pode considerar-se, não o reviramento do seu caracter, mas uma applicação errada dos seus principios. Sepulveda tomou a marcha da revolução, e ao contrario do seu camarada Sebastião Cabreira, não viu em D. Miguel senão o representante providencial d'esse partido que fizera cahir a constituição. N'este momento D. Miguel satisfazia, segundo o seu modo de ver, uma necessidade publica. Então na tarde do dia 30 dirigiu-se ao castello de S. Jorge e pondo-se á frente da guarnição levou ao infante um reforço de 2700 homens.

Pagou-lhe D. Miguel, mandando-o preso para Peniche, depois de o ter recebido mal, por entender que elle não só chegava tarde, mas que, pela sua posição, devia prestar á causa absolutista maiores serviços.

Em Peniche se conservou Bernardo Sepulveda tendo a praça por homenagem até 1824, anno em que foi posto em liberdade ao mesmo tempo que os presos da abrilada.

Em agosto d'esse mesmo anno embarcou para o Havre e seguiu para Paris, onde se conservou até 9 d'abril de 1833, dia em que morreu, triste, saudoso da patria que nunca mais vira, dos amigos, que já os não tinha, e despresado simultaneamente de absolutistas e liberaes.

Bernardo Sepulveda publicou algumas obras em Lisboa, sendo as principaes *Alicerces da regeneração portugueza*, *Memoria das providencias a bem da regeneração nacional, que o brigadeiro, etc. então coronel do regimento de infanteria 18 praticou em o dia 24 de agosto de 1820 e posteriormente na qualidade de deputado da Junta Provisoria do Supremo Governo do Reino.*

OS HEROES DE 1820

JOSÉ DA SILVA CARVALHO

N.º 10

Avulso 60 réis — por assignatura 50 réis

ASSIGNA-SE E VENDE-SE NA
TYP. MINERVA CENTRAL
14 LARGO DO PELOURINHO 17
LISBOA

JOSÉ DA SILVA CARVALHO

CABE-LHE a gloria de ser o primeiro ou o segundo, entre os homens que planearam com Fernandes Thomaz a Revolução de 1820.

Este facto, os serviços que n'esse periodo prestou e outros não menores com que serviu mais tarde a causa liberal, deram-lhe n'este seculo um logar eminente em que se impõe a sua intelligencia penetrante.

José da Silva Carvalho nasceu em Dianteira, uma pequena villa da Beira, no dia 19 de dezembro de 1782.

Seus paes José da Silva Saraiva e D. Anna de Carvalho, não obstante serem uns lavradores pobres e modestos deram-lhe, como aos irmãos, uma edução esmerada.

Matriculou-se em 1800 na Universidade de Coimbra, onde se formou em direito, e, em agosto de 1810, depois de ter servido no desembargo do paço, foi nas vesperas da invasão de Massena despachado juiz de fóra da villa de Ricardães.

Era muito novo, muito obscuro o logar que desempenhou, mas tão distinctos os seus meritos, que logo se revelaram brilhantemente no desempenho dos seus deveres que as operações militares d'essa epoca tornavam por vezes espinhosos e arriscados. Reconheceu-lhe o governo o proprio valor, que desejou premiar-lhe despachando-o, logo em seguida á recommendação de lord Wellington, juiz dos orphãos do Porto e auctorisando-o a exercer accumulativamente o cargo de auditor militar da provincia de Entre Douro e Minho.

N'estes annos que decorreram até 1818 exerceu as suas funcções de magistrado sempre com circumspecção e inteireza, e, n'esse anno, vivendo na intimidade de Fernandes Thomaz, que era então desembargador da Relação d'essa cidade e de José Ferreira Borges, secretario da Companhia dos vinhos, com elles fundou o Synedrio, associação pequena a principio, mas que a pouco e pouco se foi desenvolvendo, juntando-se-lhe primeiro João Ferreira Vianna, commerciante muito acreditado no Porto e amigo intimo de Ferreira Borges, e depois, por esta ordem, Duarte Lessa, José Pereira de Menezes, Francisco Gomes da Silva, João da Cunha Sotto-Maior, e José Gonçalves dos Santos Silva.

«Este estado de coisas é impossivel que persista; hade haver necessariamente revoltas e anarchia, preparemo-nos para esse caso, e formemos um corpo compacto, que appareça n'essa occasião para dirigir o movimento a prol do paiz e da sua liberdade.»

Eram as palavras com que Fernandes Thomaz a todos os momentos accendia o enthusiasmo patriotico no animo dos seus amigos. Depois formulavam vagamente os Estatutos da sua associação, estatutos a que já nos referimos mais desenvolvidamente quando biographámos o patriarcha da revolução, e que depois, n'essa reunião notavel em que a honrada eloquencia de Fernandes Thomaz creou heroes em todos os que o escutavam, foram officialmente confirmados para dentro em pouco serem por todos postos em execução d'uma fórma realmente assombrosa.

Como de coração e alma se entregaram a essa idéa, já o temos visto nos traços historicos com que temos delineado algumas das individualidades que tomaram parte no movimento. Pela sua intelligencia, pela sua tenacidade, pelo seu auxilio efficaz, Silva Carvalho é incontestavelmente das mais accentuadas e das mais evidentes. Foi elle que com o auxilio de Ferreira Borges, conseguiu trazer, para a revolução que se projectava, o tenente-coronel Gil, do regimento 6.º de infanteria aquartellado no Porto, o tenente-coronel Pamplona do batalhão de caçadores 11, aquar-

JOSÉ DA SILVA CARVALHO

tellado na villa da Feira, o tenente-coronel Guedes, do batalhão de caçadores 6, aquartellado em Penafiel; contavam alem d'isso com o corpo da Policia do Porto e Milicias da Maia e da Feira, promettidas pelo major José Cardoso da Silva e pelo ajudante Tiburcio Feio e estavam em intelligencia com varios officiaes das Milicias do Porto.

Tiveram logar os acontecimentos. Quanta grandeza pode ter a intelligencia, tudo isso poz Silva Carvalho ao serviço da grande ideia.

Logo que triumpharam, elle e os seus collegas, e que se formou a junta Provisional do Supremo Governo do Reino, foram Silva Carvalho e Ferreira Borges nomeados ajudantes do deputado encarregado dos negocios do Reino e Fazenda, como tambem ficaram sendo membros da Junta Provisional Preparatoria das Côrtes.

Sabe-se que houve da parte de alguns, logo dias depois da revolução, varias tentativas para dissolver a Junta do Porto. Desintelligencias travadas produziram este resultado e Antonio da Silveira chegou a fazer segunda tentativa para dissolver o Governo. Esta teve logar em Alcobaça, e vamos contal-a porque deixa um traço verdadeiro do caracter energico e honrado de José da Silva Carvalho.

Entra em scena d'esta vez o coronel Cabreira, a quem Silveira convenceu da necessidade d'esta revolução.

Uma noite Cabreira, rigorosamente fardado entrou no quarto de Silva Carvalho. Era meia noite: Disse-lhe que ia contar-lhe um sonho que acabava de ter e era o de partir para Lisboa com o exercito, e das janellas do palacio do governo convocar o povo, o juiz e a casa dos 24, e perguntar-lhes o que queriam que se fizesse.

Silva Carvalho perguntou-lhe — E qual seria a sorte do governo do Norte?

— Que não se importava, respondeu Cabreira e logo Silva Carvalho replicou que: «tambem elle ia dar parte d'um sonho que tivera e é *que V. Ex.ª me revelava isso e eu com estas pistolas lhe mettia duas balas na barriga.*

*

* *

Em 1821 foi nomeado presidente do senado de Lisboa e, a 7 de setembro d'esse mesmo anno, encarregado da pasta da justiça.

N'esse cargo difficil, em que desempenhou todos os seus deveres com rara isenção e talento notavel, procurando sempre consolidar a obra da revolução, ganhou a sympathia do rei e os odios de Carlota Joaquina.

Aconteceu-lhe depois o que aconteceu a quasi todos os seus companheiros: em 1823 antevendo as vinganças da facção absolutista emigrou com alguns deputados liberaes e foi residir para Inglaterra, onde viveu muito pobre até o momento em que regressou á patria logo depois da outhorga da Carta.

Afastado da politica se conservou na provincia até que D. Miguel subindo ao throno fez expedir ordem de prizão contra o honradissimo liberal, que se refugiou em Londres para não morrer no patibulo, devendo então ao duque de Palmella a nomeação, n'aquella cidade, de vogal da commissão de soccorros aos emigrados. Apenas D. Pedro desembarcou em Falmouth, no seu regresso da America, em junho de 1831, apresentou-se-lhe Silva Carvalho avivando-lhe as desgraças da patria e fazendo-lhe ver que a salvação d'ella estava na restauração no thorono de sua filha. A estes conselhos, que D. Pedro escutou com attenção, se deveu certamente a expedição aos Açores, na qual Silva Carvalho exerceu o cargo de auditor geral das tropas.

Acompanhou as forças liberaes da Terceira até ao Porto e a 3 de dezembro de 1832 confiava-lhe D. Pedro a pasta da Fazenda, quando Mousinho d'Albuquerque vacillou para subscrever as medidas indispensaveis á salvação dos defensores da invicta e gloriosa cidade.

Não podia ser mais medonha a situação. Estavam exgotados os cofres publicos, não havia credito, retrahiam-se os capitalistas estrangeiros, o inverno trazia a fome, o inimigo apertava o cerco, e sobretudo o cholera-morbus dizimava as forças liberaes e enchia de panico este pobre paiz, n'uma das epocas mais terriveis que tem atravessado.

Foi n'estas circumstancias que a vasta capacidade de Silva Carvalho se accentuou poderosamente. Com as suas largas medidas se desenvolveu o pensamento que dictou as valiosas reformas decretadas na ilha Terceira, e tirando forças do apuro da situação, propoz alvitres efficazes, contrahiu emprestimos patrioticos; castigou os usurarios, desfez emfim as nuvens que toldavam o horisonte da patria e com tudo isto e com os seus conselhos contribuiu para a derrota dos absolutistas, que conheceram no energico ministro o seu mais poderoso inimigo.

Quando o imperador deixou o Porto para vir fixar-se em Lisboa, foi Silva Carvalho quem o acompanhou e foi elle o unico ministro do gabinete que cahiu em 24 de setembro de 1834 que ficou fazendo parte do ministerio seguinte.

Pouco tempo exerceu porem esse logar, que foi forçado a deixar em 18 de novembro de 1835, ferido pela inveja dos mediocres e pela rivalidade dos ambiciosos, que alastraram á vontade quando o imperador morreu no momento em que a força da sua auctoridade e o respeito do seu nome mais necessarios se tornavam para conter as paixões desensoffridas.

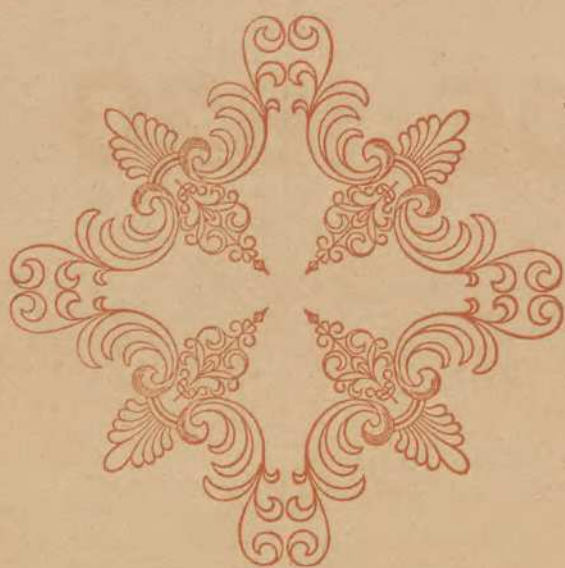
A 20 d'abril de 1836 encarregou-se novamente da pasta da Fazenda, que deixou a 10 de setembro do mesmo anno, logo que viu vingar as idéas a que fôra sempre contrario, e pela terceira vez se expatriou voltando a Portugal em 1838 para jurar a constituição.

Eleito deputado ás côrtes de 1838 a 1841 foi elevado ao pariato depois da restauração da Carta e nomeado em seguida vice-presidente da camara alta.

*

* *

José da Silva Carvalho aliou a um caracter dos mais honrados, completamente livre de ambições mesquinhas, uma energia pouco vulgar e uma intelligencia superior, superiormente cultivada e robustecida por uma instrucção variada e solida. Nos tranzes mais espinhosos de uma epoca excepcional em que se desencadearam paixões desordenadas, a par de abnegações verdadeiras, nas mais difficeis situações politicas e economicas do paiz que elle tanto amava, Silva Carvalho soube manter uma posição que a mais e mais vae avultando a nossos olhos, tornando-o digno da admiração que hoje se lhe vota e que por ventura ainda é pequena para um vulto tão assombroso.

Tendo trez vezes, depois de instancias reiteradas recusado o titulo de conde, José da Silva Carvalho, presidente do Supremo Tribunal de Justiça, conselheiro d'estado, socio da Academia Real das Sciencias, expirou em Lisboa no dia 5 de setembro de 1856, carregado de honras, mas pobre e modesto como vivera, chorado pelos amigos, respeitado pelos adversarios e glorificado pelo paiz, para cuja liberdade elle contribuira, com a applicação efficaz d'uma intelligencia privilegiada e com a abnegação d'um caracter estoico.

OS HEROES DE 1820

JOSÉ JOAQUIM FERREIRA DE MOURA

N.º 11

Avulso 60 réis por assignatura 50 réis

ASSIGNA-SE E VENDE-SE NA
TYP. MINERVA CENTRAL
14 LARGO DO PELOURINHO 17
LISBOA

JOSÉ JOAQUIM FERREIRA DE MOURA

oi um liberal ardente, um escriptor illustre e um dos deputados que mais honraram as côrtes de 1821 e 1822.

Para comprehender bem o enthusiasmo com que Ferreira de Moura devia ter acolhido a revolução de 1820 é forçoso contar até esse momento o desenvolvimento do seu espirito, talhado á maravilha para aceitar de chofre as ideias que surgiam e de que elle ia tornar-se um dos mais fervorosos caudilhos.

José Joaquim Ferreira de Moura era de origem plebêa e foi, entre os seus companheiros, dos que mais esforços empregaram para dos seus proprios recursos tirar os elementos que mais uteis lhe pareciam á grande causa que o attrahia.

Nasceu em Villa Nova de Foscôa em 1776. Seu pae era sargento-mór de ordenanças, profissão que conciliava com a de pharmaceutico d'aquella localidade. Mandou ensinar todos os preparatorios ao filho que depois se matriculou em Coimbra na faculdade de leis, formando-se no anno de 1800, em que, depois dos tramites ordinarios, foi despachado juiz de fóra de Aldeia Gallega do Ribatejo, tomando posse d'esse logar em 1804.

Foi no exercicio d'elle que em 1807 o encontrou a primeira invasão franceza.

Tinha então 31 annos, e já nutria ideias profundamente liberaes.

N'essa epoca, diz Pinheiro Chagas, o partido liberal portuguez não votava grande antipathia ao imperio napoleonico, e até certo ponto com razão, porque esse governo, embora tyrannico era herdeiro das ideias revolucionarias, e consagrava com o prestigio e com a auctoridade do imperador as conquistas sociaes da revolução. Mesmo debaixo do ponto de vista politico o cesarismo napoleonico prestava uma certa homenagem ás ideias de liberdade, porque em França funccionavam, posto que perfeitamente desvirtuados pelo servilismo, dois corpos legislativos.

O que é facto é que o doutor Ferreira de Moura inclinava tanto o seu espirito para essas conquistas, que foi elle talvez um dos que suppozeram ingenuamente que a vinda de Junot a Portugal seria um incentivo para o desenvolvimento das ideias liberaes da mocidade portugueza. E tanto assim, tanto alimentava essa crença, que, cheio d'enthusiasmo, acceitou immediatamente o convite que lhe fez Junot para traduzir para a lingua portugueza o codigo Napoleão, afim de que fosse estabelecido em Portugal.

Era honroso para elle este convite que revela não só a popularidade do seu nome de jurisconsulto, mas tambem a firmesa das suas convicções. Ferreira de Moura encarregou-se com effeito d'esse arduo trabalho, certo de que prestava um serviço enorme á legislação do seu paiz. O codigo Napoleão, como se sabe, já por esse tempo tinha sido introduzido no resto da Europa e essa organisação social, proveniente da revolução franceza, estava em França consolidada por Napoleão.

Ferreira de Moura, embebido das ideias liberaes, que apenas via pela sua face util, arrebatado, utopista, entregou-se a esse trabalho com todo o ardor, sem calcular de certo que isso bastaria para que os seus compatriotas começassem a consideral-o um puro jacobino, fazendo-lhe por isso perseguições continuas logo que deixaram o reino as tropas de Junot.

Levaram a sua vingança a ponto de conseguirem que o illustre jurisconsulto fosse demittido do seu logar de juiz de fóra. Isto o obrigou a ir para a terra da sua naturalidade, onde se entregou á advocacia. Por essa occasião veio um acontecimento inesperado cauzar-lhe desgosto mais profundo, pois que, vendo seu pae accusado de um grave crime, foi forçado a escrever e publicar anonymamente em defeza d'elle uma *Memoria juridica*, graças á qual seu pae foi absolvido em ultima instancia.

De preterição em preterição foi seguindo a carreira da magistratura, sendo aos 44 annos ainda juiz de fóra em Pinhel, de cujo cargo tomou posse a 3 de janeiro de 1820.

*
* *

Eis ahi singellamente narrados os acontecimentos que até esse momento se deram na sua vida e d'esta narração succinta se deprehendem as luctas que sustentou, as contrariedades que soffreu e o enthusiasmo ardente que devia apossar-se do seu espirito culto, ao ver raiar no horisonte a ideia de uma revolução patriotica, que acabasse de vez

JOSÉ JOAQUIM FERREIRA DE MOURA

com todos os usurpadores e trouxesse a este desditoso paiz a aurora da liberdade.

O seu profundo conhecimento das sciencias sociaes, e especialmente do regimen parlamentar de França e das leis deixadas pela revolução, ha muito tempo lhe sorriam ao espirito, na ideia de que a implantação d'ellas em Portugal, mudaria completamente a face das cousas e levantaria a patria do abatimento em que a prostrava a covardia do rei, o despotismo inglez, a regencia inepta, o receio de muitos e a ignorancia de quasi todos.

De coração aberto devia acceitar portanto essas ideias, que encontravam n'elle um servidor leal e um propagandista. E tão conhecidas eram as suas convicções inabalaveis, que, apenas se formou o primeiro congresso constituinte, o seu nome foi immediatamente indigitado pelos seus patricios para a deputação, sendo eleito membro do congresso pela provincia da Beira.

Utimamente ligado com Fernandes Thomaz, foi eleito para muitas commissões importantes, d'algumas das quaes foi varias vezes presidente, não se distinguindo nunca porem como orador, por um defeito vocal que lhe difficultava a expressão.

O que é verdade é que a sua opinião auctorisada era ouvida com respeito.

Nas duas celebres questões que se trataram no congresso constituinte acerca do Brazil e da constituição das duas camaras, em sessão de 27 de fevereiro, foi Ferreira de Moura o que mais advogou a constituição d'uma só camara. Esta questão já tinha sido tratada na Junta Preparatoria de côrtes por uma commissão composta de Joaquim Nunes de Carvalho, Bento Pereira do Carmo e José Maria Xavier d'Araujo.

Na sessão de 24 de fevereiro Antonio Pinheiro propoz, como additamento ás bases da constituição, um projecto de divisão do corpo legislativo com duas camaras, sendo uma d'ellas conselho de Estado. Apoiou-o o deputado Braamcamp, dizendo que se devia fazer uma constituição que o rei podesse acceitar, e fosse agradavel ás Potencias da Europa. O dr. Xavier d'Araujo propoz as duas camaras, uma das quaes se chamaria senado. O deputado Gyrão, que abundava em doutrinas exaltadamente democraticas, disse que era insolito que se fallasse de potencias estrangeiras a proposito d'esta questão e se quizesse como que intimidar os deputados. Redarguiu com certa violencia Xavier d'Araujo que se julgou atacado, tomando em seguida o deputado Hermano Braamcamp a responsabilidade das palavras attribuidas a Araujo. Fernandes Thomaz, n'um longo discurso que fez, em que era de voto que se decretassem as duas camaras, disse para Ferreira de Moura: — Moura, a questão é seria, e devemos meditar n'ella; nós somos reconhecidos pelas Potencias da Europa, logo que decretemos as duas camaras, e então parece-me que as votemos — Moura respondeu-lhe: — Tu não sabes o que por ahi vae por essa cidade; no dia em que votarmos as duas camaras, somos precipitados da janella abaixo do Palacio das Côrtes e perdemos toda a nossa popularidade.

Apezar porem da energica argumentação de Ferreira de Moura, a favor da sua opinião, 26 deputados votaram as duas camaras.

Claro está que só contamos este facto para mostrar não só a intransigencia d'este caracter como o conceito em que o tinha Fernandes Thomaz.

*

* *

Reeleito em 1822 deputado ás côrtes ordinarias simultaneamente pelos circulos de Castello Branco, Trancoso, Coimbra e Aveiro, ao mesmo tempo fundava com Fernandes Thomaz o jornal *Independente*.

Logo que em 1823 cahiu a constituição, Ferreira de Moura retirou-se para Inglaterra, e ahi, afastado da patria, depois de ter assistido á queda das suas esperanças, entregou-se simplesmente ao cultivo das bellas lettras, sendo muitos de opinião que foi o illustre jurisconsulto um dos collaboradores de Joaquim Ferreira de Freitas, conhecido pelo *Padre Amaro*.

Affirma-se que ha importante collaboração sua no celebre semanario politico, que tem este ultimo nome, e cujo primeiro numero sahiu em Londres em 1 de janeiro de 1820.

Tambem hoje é difficil reconhecer se o livro que appareceu em Londres, em 1826, intitulado: *A abolição da companhia da agricultura dos vinhos do Alto Douro egualmente necessaria ao productor em Portugal e ao consumidor em Inglaterra*, livro que atacava a companhia e que por isso fez notavel sensação entre os nossos compatriotas refugiados n'aquelle paiz, é obra de Ferreira de Moura ou se é original do celebre Padre Amaro.

Ferreira de Moura publicou alem d'isso estes livros que fizeram certo ruido: *Cartas politicas de Americus*, o *Diccionario d'algibeira philosophico, politico, etc.* e as *Reflexões criticas sobre a administração da justiça em Inglaterra*.

*

* *

Era assim, no cultivo das lettras, que estes homens empregavam os ocios da emigração.

Longe da patria, nostalgicos, alongando tristemente os olhos por cima do oceano, elles procuravam ainda ser uteis a essa terra em que nasceram, que tão desinteressadamente serviram e que lhes pagava a todos com o desterro a abnegação sem nome e os sacrificios heroicos.

Expatriados, só teriam para alliviar-lhes a magua, a hora das confidencias, das saudades, em que pela visão de muitos devia passar suja de lodo e manchada de sangue a imagem da patria ausente. E como de longe não podiam pôr ao serviço d'ella o auxilio do seu braço, desentranhavam-se então em obras de espirito, para que, honrando-a, ao menos lhe espalhassem por longes terras o nome immaculado.

E então que utilissima é a obra de quasi todos estes homens nos annos amargurados do desterro! Os que apenas se não prepararam para mais tarde introduzirem na patria reformas valiosas, em qualquer ramo da administração, como Lopes Carneiro, refundem uma jurisprudencia, como Ferreira Borges ou illustram as lettras como grande numero d'elles.

N'esse periodo arduo de sacrificio e dedicações, nem os desgostos soffridos, nem a ruina das fortunas, nem as doenças contrahidas em climas asperos seriam capazes de lhes alquebrar o carecter que parecia em tantos revezes achar estimulos a novas luctas e a novas abnegações.

*

* *

Em 1826 regressou Ferreira de Moura a Portugal. Pobre, foi-lhe necessario voltar a exercer a sua antiga profissão de advogado, mas pouco depois, atacado de uma violenta hydropesia, retirou-se á pressa para Palhavã e ahi morreu aos 27 de junho de 1829.

CORTES CONSTITUINTES
CARTA DE 1822
OS
HEROES
DE 1820
DOMINGOS A. GIL DE FIGUEIREDO SARMENTO
N.º 12
Avulso 60 réis por assignatura 50 réis
ASSIGNA-SE E VENDE-SE NA
TYP. MINERVA CENTRAL
14 LARGO DO PELOURINHO 17
LISBOA
REVOLUÇÃO DE 24 D'AGOSTO
JUNTA DO PORTO

DOMINGOS ANTONIO GIL DE FIGUEIREDO SARMENTO

No exercito portuguez lavrava fortemente o descontentamento geral, ao mesmo passo que no povo se ia desinvolvendo uma indignação surda, mas cada vez mais violenta, contra os extrangeiros dominadores, contra os assassinos encartados de Gomes Freire de Andrade.

Beresford, o inglez orgulhoso, voltára do Brasil onde recebera do rei D. João VI poderes independentes dos da regencia; um extrangeiro dominava assim o paiz em verdadeira dictadura militar, tratando-o como terra conquistada, tendo para isso auctorização d'aquelle que se dizia por graça de Deus rei de Portugal, e se não pejava de affirmar em uma carta que elle, o fugitivo do Brasil, tinha libertado a patria e o povo do jugo de extrangeiros.

A opposição do marechal Beresford ás determinações do governo da regencia, a sua permanencia no logar mais elevado do commando do exercito portuguez e a conservação de officiaes inglezes nos quadros das differentes armas do exercito, preterindo na subida de postos aos officiaes portuguezes e embaraçando-lhes a promoção e bem assim o atrazo consideravel de pagamento dos prets que, em alguns corpos do exercito, se não fazia havia sete mezes, taes eram as causas do descontentamento de que a classe militar se ia possuindo contra os intrusos em cujas mãos se conservava a chave de todo o jogo governativo da patria.

E' esse o motivo porque ao notavel movimento revolucionario de 1820 adheriu tão prompta e decidida a classe militar.

Por outro lado os indicios seguros d'esta geral indisposição e descontentamento do exercito fôram um poderoso incentivo para activar as diligencias dos promotores da memoravel revolução.

Havia muito que as idéas liberaes agitavam os cerebros ardentes de alguns pensadores notaveis d'aquelle tempo. Percorria então a Europa como que uma corrente electrica, que despertava os povos para os arremessar, quasi inconscientes, na estrada da democracia. A descarga electrica effectuára-se na França, e d'alli a acção subversiva e demolidora das velhas crenças e dos velhos principios irradiára com extraordinaria energia pela Europa.

O impulso viera de longe, d'alem dos oceanos, da grande e velha America. Começou alli a gloriosa tradição dos povos que se libertam do jugo dos tyrannos, alcançando a bandeira sacrosanta dos seus direitos, conglobados na unica fórma racional de constituição politica — a democracia.

A França levantára o brado repercutido atravez dos mares e lançava na Europa uma dupla luz pelos escriptos dos seus philosophos — Descartes, d'Alembert, Diderot, Condorcet, Rousseau e Voltaire, e pelos actos administrativos dos seus chefes,—Danton, Robespierre, Saint Just, etc.

A bella Italia, o berço das artes e da moderna poesia, por tanto tempo escravizada pelos tyrannos, erguia abertamente o estandarte da revolta na Sicilia, em Napoles e no Piemonte, expulsando os Bourbons e affirmando gloriosamente os nomes eternamente celebres de Silvio Pellico, de Morelli e de tantos outros precursores notaveis dos Garibaldi e dos Mazzini.

A Hespanha, avassallada torpemente a um rei tão cobarde como infame, Fernando VII, affirmou, logo em 1812, dirigida por Padilla e Lanuza, os principios do regimen liberal e representativo, proclamando solennemente os direitos do homem, nas celebradas *Constituintes de Cadiz.*

Pouco depois porém rasgada a constituição pelo perfido monarcha, trahida por elle a fé jurada, estabelecido de novo o regimen da mais atroz perseguição, do mais vilipendioso despotismo, rebentou de novo a revolta celeberrima que conta nos seus annaes os nomes nunca esquecidos de Quiroga, Raphael Riego e de Lopez Baños, restabelecendo em 1 de janeiro de 1820 a constituição de Cadiz de 1812, que vigorou até 1823.

Entre nós havia já então muito tempo que alguns homens dedicados, excitados nas suas faculdades emocionaes pelo patriotismo inveterado e odio acceso aos invasores e dominadores extranhos, tinham como alvo e ideal supremo a consecução de algum plano pelo qual se libertasse a patria humilhada e abatida aos pés do rude soldado inglez.

Contámos já, fallando de Manuel Fernandes Thomaz, qual a lucta aporfiada e trabalhosa que emprehendeu aquelle homem de ferro, de pasmosa actividade e inexcedivel audacia. Vimos como das cinzas dos cadafalsos do Campo de Sant'Anna e da Torre de S. Julião, onde pereceram Gomes Freire e seus companheiros, rebentou aquelle intenso movimento de organização para a lucta, que começou no Porto pela formação de numerosas sociedades secretas, e do famoso Synhedrio, especie de juncta administrativa ou directorio, encarregado de conduzir e promover os meios de destruir o estado politico do paiz por meio de uma revolução.

No decorrer da segunda quinzena de março de 1820 levantava ferro no Tejo uma bella fragata, que a todo o panno demandava a barra, desfraldado na prôa o pavilhão inglez. Era a *Spartiate*, que conduzia a seu bordo o marechal Beresford que certamente ia buscar ao Brasil au-

DOMINGOS ANTONIO GIL DE FIGUEIREDO SARMENTO

ctorização e dinheiro para executar novas oppressões e violencias.

Foi esse o momento azado. Soube-o Fernandes Thomaz e veiu a Lisboa tentar obter a cooperação dos lisbonenses para o grande movimento revolucionario. Foi durante este tempo, em que Fernandes Thomaz, a alma da revolução, se demorou em Lisboa, que a acção diligente dos outros membros do Synhedrio, Ferreira Borges e Silva Carvalho, conseguiu trazer para dentro do conluio, entre muitos outros, Domingos Antonio Gil de Figueiredo Sarmento. Era este então tenente-coronel do regimento 6, aquartelado no Porto.

No seu animo ardente de filho do norte, e no cerebro juvenil achou echo facil a idéa feliz de uma revolução proxima: era então, por meados do mez de maio, que a agitação e effervescencia dos animos começavam a lavrar com insistencia. Fernandes Thomaz voltava de Lisboa, onde encontrára ainda deveras impressionados, pelo espectaculo sinistro das execuções no Campo de Sant'Anna, os animos enfraquecidos, que tinham posto a sua unica esperança nas provincias. Factos importantes se tinham passado no Porto em sua ausencia.

Xavier de Araujo conta-nos a tentativa de uma revolta promovida pelo coronel Cabreira, quando julgou conhecida do governo central a sua connivencia em uma conspiração. Sabedor d'esta resolução o Synhedrio enviou o tenente-coronel Gil a procurar Cabreira para se entender com elle. O coronel Brito Cabreira, porém, por desconfiança talvez, fingiu não comprehender de que se tratava e ignorar completamente o assumpto, e, excedendo-se, tratou com insolencia o tenente-coronel Gil, dizendo-lhe —: «Senhor tenente-coronel, escreva-me de officio e responderei:»

Gil sahiu desesperado e d'este facto resultaram serias dissenções; malquistaram-se os chefes militares, e de tudo poderiam ter advindo grandes males á causa patriotica da revolução, se o grande talento e habilidade diplomatica de João da Cunha Soto Maior, não tivessem conseguido aplanar todas estas difficuldades, reconciliando os animos exaltados e fazendo ver que acima d'aquellas questiunculas inglorias estava o grande e salutar principio da salvação da patria.

Entretanto, eram já principios de agosto, voltou Fernandes Thomaz de novo ao Porto acossado pela perseguição da policia que o vigiava de perto. Reuniram-se os membros do Synedrio na noite de 22 de agosto, e dicidiu-se unanimemente que fosse o dia 24 de agosto o destinado para rebentar a revolução.

Foi n'este grande acto da vida historica do povo portuguez que Gil de Figueiredo Sarmento, alem da sua valiosa cooperação, prestou um grandissimo serviço, evitando com a sua auctoridade e bemquerença em que era tido, uma horrivel catastrophe inevitavel.

Estava tudo preparado para o desenlace d'aquelle grandioso drama: na madrugada do dia 23 de agosto de 1820, no Campo de Santo Ovidio, no Porto, realizava-se uma missa campal. Estava toda a officialidade; solemnemente formada a artilheria, começou a missa rezada pelo capellão em um altar erguido no meio do campo.

Finda a missa, uma salva de vinte e um tiros annunciava aos habitantes do Porto o encetamento da revolução tão energica e cuidadosamente preparada durante alguns annos pelos seus animosos e benemeritos promotores.

Faltavam porém as restantes tropas colligadas no trama revolucionario. Chegava lentamente o 18 de infantaria; correu porém que infantaria 6, sob o commando do tenente coronel Gil de Figueiredo Sarmento, estava já formado e prompto no quartel, mas se oppunha formalmente a partir sem ter á sua frente o coronel Maxwell Grant, por quem os soldados tinham particular estima.

Baldados eram todos os esforços por demovel-os de tal intento. Persistiam na recusa. Sem o seu coronel nada fariam; com elle estavam promptos a marchar até ao fim do mundo.

O coronel Cabreira, vendo perigar d'este modo o exito do plano formado, por causa da teimosia d'aquelle corpo, mordia o bigode, o que era n'elle indicio certo de violenta colera que o agitava. Enraivecido, dementado bradava, — «vou abrazar o regimento 6 no quartel»—e mandava reunir o parque de artilharia.

Foi então que o tenente-coronel Gil, desinvolvendo todos os recursos da sua actividade diplomatica, logrou dissuadir os soldados do seu corpo da funesta obstinação em que se tinham cerrado, e o 6 de infantaria desfilou por fim sob o seu commando, para ir juntar-se ao restante das forças da guarnição do Porto, já reunidas no Campo de Santo Ovidio.

Formado então alli conselho militar e lidas as proclamações aos commandantes dos corpos dirigiu-se a tropa para a casa da camara, onde desde logo, sem a minima resistencia, sem se ter dado um unico tiro, se constituiu immediatamente a primeira das junctas que governaram o paiz n'aquelle periodo decorrido desde o dia 24 de agosto até á convocação e reunião das côrtes, *a juncta provisional do governo supremo do reino no Porto,* em que entraram Pinto da Fonseca e Andrade Brederode, pelo clero, Ferreira de Mello e Cirne de Madureira, pela nobreza, Fr. Francisco de S. Luiz, pela Universidade, Soto Maior e Xavier de Araujo, pelo Minho, Castro e Abreu e Castello Branco, pela Beira, Ferreira de Moura e Ferreira e Castro por Traz-os-Montes, Barros Lima, pelo commercio, Ferreira Borges, Silva Carvalho e Gomes da Silva, como secretarios.

A revolução avançava pois irresistivelmente como grande maré que enche. A resolução dos grandes patriotas que a iniciaram e promoveram foi acolhida com sobresalto e jubilo em todo o paiz. Por toda a parte o enthusiasmo popular se patenteou com manifestações ruidosas, e as viagens feitas pelos membros do Synhedrio e das junctas provisorias pelo paiz foram verdadeiras marchas triumphaes por entre flores e acclamações.

A occasião fôra propicia e opportuna: foi o espirito superior de Fernandes Thomaz que o comprehendera, e por isso elle poz em acção toda a sua energia para que não fosse desaproveitada tão selecta opportunidade.

Assim, quando alguns dias depois Beresford voltava ao reino a bordo da nau *Vengeur,* ouvia do Tejo os ruidosos clamores de grandes e calorosas acclamações. Era a revolução victoriosa que libertava um povo.

Era a primeiro vez que Portugal gosava a vida publica, e em que o povo levado ás eminencias do poder consagrava nas celeberrimas côrtes constituintes de 1821 os principios da *soberania nacional* e todos os que se affirmavam no codigo da humanidade — *a declaração dos direitos do homem,* proclamada pela revolução franceza.

O que fez pois a revolução de 1820?

Escreve J. Jacintho Nunes: fez de uma raça de escravos um povo digno e independente.

E se a maior parte dos fecundos principios e instituições que n'ella se geraram não lograram prolongar-se até nós, e pereceram tão facilmente ao sopro da infame contra-revolução tramada pelo rei, foi porque o povo portuguez, dementado e atrophiado pela longa escravidão soffrida, não podia nem sabia acompanhar e avigorar com a sua força a assembléa legislativa.

CORTES CONSTITUINTES
CARTA DE 1822
OS
HEROES
DE 1820
ANTONIO DA SILVEIRA PINTO DA FONSECA
N.º 13
Avulso 60 réis por assignatura 50 réis
ASSIGNA-SE E VENDE-SE NA
TYP. MINERVA CENTRAL
14 LARGO DO PELOURINHO 17
LISBOA
REVOLUÇÃO DE 24 D'AGOSTO
JUNTA DO PORTO

ANTONIO DA SILVEIRA PINTO DA FONSECA

oi principalmente nas provincias do norte do paiz que se concentrou, a principio, todo o movimento inicial da crise revolucionaria de 1820.

D'ellas vieram os principaes chefes da grande revolta, e só depois de alli se terem bem energicamente lançado as bases do novo edificio de idéas e principios liberaes, só então, dizemos, as provincias do sul conseguiram despertar do fatal lethargo que as acorrentava, para responder ás proclamações e esforços d'aquelles seus valorosos e decididos compatriotas.

Antonio da Silveira Pinto da Fonseca, um dos mais notaveis dos membros do celebre Synhedrio que foi o iniciador e principal promotor de toda aquella longa serie de factos gloriosos que tiveram por ponto de partida o dia 24 de agosto, era tambem filho do norte.

Foi-lhe berço a provincia de Traz-os-Montes, onde toda a sua familia gosava de grandes creditos, sendo o alvo das maiores considerações e da mais elevada estima de toda a população d'essa região do paiz.

Era filho de Manuel da Silveira Pinto da Fonseca e de D. Antonia Silveira, e na sua ascendencia remota contava-se um grande numero de vultos notaveis pelos seus actos e posição na vida publica do nosso paiz. Um d'estes, talvez o mais afamado, era aquelle Antonio da Silveira, o heroe da India, o principal actor da epopêa sublime do cerco [illegible]efesa da cidade de Diu, cuja capitania lhe fôra confiada por Nuno da Cunha.

Nascido e creado Antonio da Silveira, o descendente de tão illustre familia, em S. Miguel de Poiares, no actual districto de Villa Real, cedo se deixou enlevar pelas idéas philosophicas e democraticas, que n'aquella epocha, emanadas da França, começavam a ter voga em toda a Europa, tanto e por tal fórma que entre os seus era conhecido pela designação de—*jacobino da familia*.

O mesmo facto que se deu na Revolução Franceza, repetiu-se na revolução portugueza de 24 de agosto de 1820. Assim como lá muitos aristocratas descontentes se alistaram nas fileiras populares, assim tambem entre nós o amor proprio offendido pelas imposições dos extrangeiros que dominavam o paiz, o despeito de não terem sido escolhidos para algum cargo importante pelo monarcha fugitivo ou pela junta governativa que na ausencia d'aquelle ficára de posse do supremo governo e administração do paiz, e muitos outros moveis de interesse puramente particular trouxeram para o seio da conjuração um grande numero de homens, perfeitamente alheios ás convicções democraticas que animavam os principaes membros do famoso Synhedrio.

D'este facto resultou uma das causas que presidiram á dissolução prematura da grande obra que a revolução de 1820 iniciára com tanta energia e que tinha por sustentaculo os poderosos intellectos de Fernandes Thomaz, Borges Carneiro, Silva Carvalho e outros.

Expulsos, porém, os extrangeiros, convocadas e reunidas as côrtes portuguezas, desdobrado e iniciado o vastissimo e valioso plano das reformas liberaes, começaram a isolar-se todos aquelles que tinham por vezes com inapreciavel benemerencia, coadjuvado o movimento revolucionario, sem que para isso tivessem outro movel mais do que o impulso de alguns interesses pessoaes, sem que tivessem nem a comprehensão perfeita, nem sequer a mais leve idéa das formulas e principios em que deve basear-se a constituição politica de um povo; desconheciam por completo as obras dos grandes philosophos encyclopedistas, tanto mais que, legitimos e dignos representantes da velha nobreza, a maior parte d'elles eram completamente analphabetos, e do que de ouvido conheciam ácerca da revolução franceza e dos principios democratico-republicanos apenas colligiam que era esse um systema heretico, adverso ás doutrinas da Santa Madre Egreja, contrario ao throno e ao altar e ás suas proprias regalias e proventos. Por isso, emquanto viram no movimento patriotico de 24 de agosto apenas uma intenção hostil aos extrangeiros e tendente a regenerar o paiz, a consolidar a independencia da patria, a reconstituir o velho Portugal, os filhos da nobreza e o proprio clero adheriram com todas as suas forças á revolução, dando-lhe não só o apoio do seu braço e do seu dinheiro, mas tambem o da sua influencia como pastores das almas ou como senhores de extensos feudos: e assim arrastaram para a causa patriotica milhares de in-

ANTONIO DA SILVEIRA PINTO DA FONSECA

dividuos pertencentes á pura e genuina classe popular, atrophiada e dementada pelas torpes extorsões soffridas durante seculos do poder multiplo e combinado dos reis, dos nobres e dos padres.

Logo que as côtes constituintes, legislando os grandes principios da sã politica e da constituição democratica, patenteáram aos olhos d'aquelles seus companheiros e auxiliadores de hontem quaes eram os verdadeiros intuitos que germinavam nos cerebros dos promotores d'aquelle acto heroico, desde então, vendo elles que os principios democraticos e as bases da nova organização social iam ferir no mais caro dos seus interesses as classes—nobreza e clero,—que iam ser desprestigiados e confundidos na egualdade de direitos com a *vil plebe*, como elles lhe chamavam, fôram os primeiros a combater aquillo que tinham ajudado a construir e n'elles encontraram a rainha Carlota Joaquina, o rei D. João VI e o principe D. Miguel os mais estrenuos e seguros defensores do restabelecimento do *absolutismo*.

*

* *

Não foi d'estes Antonio da Silveira Pinto da Fonseca.

Bem contra vontade de toda a familia e particularmente de seu irmão, o conde de Amarante, que occupava logares de confiança da Junta Governativa do Reino, no commando militar da provincia de Traz-os-Montes, seguiu sempre Antonio da Silveira as idéas democraticas, dispoz sempre da sua influencia que era enorme em toda a provincia, em favor da independencia da patria.

Foi elle quem, primeiro do que ninguem, pensou em pôr em pratica um plano de revolta, pelo qual se conseguisse libertar Portugal das imposições vexatorias da dominação extrangeira acobertada com o nome de *protectorado* e abertamente reconhecida e robustecida pela confirmação do rei cobarde, D. João VI.

Antes de se reunir em casa de Duarte Lessa, no Porto, o pequeno conclave de amigos que formáram o nucleo inicial do Synhedrio, já Antonio da Silveira Pinto da Fonseca formára o seu plano e determinára executal-o. Para esse fim combinára-se com o seu intimo amigo Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira, então coronel commandante de artilharia no Porto, sobre o qual Antonio da Silveira exercia absoluta influencia.

Constou o facto ao Synhedrio e desde logo se pensou em trazel-os a ambos para o seio d'aquelle gremio, a fim de reunir em um todo harmonico, e sob um unico plano e direcção todos os esforços que tendessem á libertação do paiz.

Indigitou-se para os apalavrar a João da Cunha Soto Maior, amigo intimo e ainda aparentado de Antonio da Silveira Pinto da Fonseca. Effectuou-se sem difficuldade a fusão dos dois planos de revolta, e desde logo todos trabalharam de commum accordo para o desenlace que teve realização no dia 24 de agosto.

Quando rebentou a revolução patriotica do Porto e o nome de Antonio da Silveira appareceu entre os dos demais conjurados, a indignação de seu irmão o conde de Amarante não teve limites.

Sabedor da revolta no dia 25, e informado de que seu irmão Antonio entrára no movimento, o conde de Amarante escrevia ao governo da regencia, indignada e assombrada pelos factos do Porto, em officio publicado na Gazeta de Lisboa de 2 de setembro, que Antonio da Silveira era homem louco e como tal já conhecido, protestando ao mesmo tempo a sua lealdade e declarando que andava empenhado na tarefa de reunir tropas para marchar contra o Porto. O governo da regencia respondeu nomeando-o com effeito commandante das tropas do Norte, ao passo que encarregava de identico logar nas provincias do Sul do reino o general Victoria.

A attitude do governo da regencia para com o movimento revolucionario do Porto foi a um tempo altamente comica e completamente impotente.

Houve um extraordinario cuidado em dirigir ao povo proclamações sobre proclamações no intuito de o confirmar na obediencia aos regentes, e fazer persuadir por todos os modos de que ao povo de Lisboa era antipathico o movimento de revolta contra o monarcha ou seus representantes, e promettendo severos castigos aos promotores de tal desatino e irreverencia. Faziam ver como illegal a convocação das côrtes e buscavam por todos os modos impedir a chegada a Lisboa dos revolucionarios e das suas idéas.

Em 29 de agosto a regencia fazia ao povo portuguez uma proclamação, publicada na *Gazeta de Lisboa* do dia 30, em que mais se assentavam os seus principios, o que traduz bem claramente ao critico esclarecido de hoje qual o estado de ancias crueis e amedrontado animo em que jaziam os governantes.

A 1 de setembro procuravam antecipar-se aos revolucionarios, nomeando uma commissão para promover a reunião das côrtes.

No dia 15 de setembro ainda promoviam no theatro de S. Carlos grandes manifestações contra a Junta do Porto, sendo recebido com indescriptivel enthusiasmo o apparecimento da effigie do rei na tribuna real.

Logo depois começaram os grandes revézes.

Quando, no dia 21 do mesmo mez, o emissario do governo de Lisboa, o marechal Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Povoas foi a Coimbra, onde já então chegára o exercito revolucionario na sua marcha triumphal, ficou completamente desauctorizada a Junta da Regencia do Reino de Lisboa.

Enviava esta o general como parlamentario a fim de procurar meio de pactuar com os rebeldes, e entabolar negociações que harmonizassem os interesses diversos. Reconheciam já os revoltosos como os mais fortes e diligenciavam, humilhando-se, sustentar a sua falsa posição e accommodar os animos exaltados.

Fôram porém baldados os bons desejos e as humilhações soffridas. Coimbra adheria em peso e com todo o enthusiasmo á causa da Junta do Porto: e quando o marechal Coutinho e Povoas alli chegou e pretendeu impôr-se como parlamentario, os dois deputados da Junta Provisional do Porto, Manoel Fernandes Thomaz e Roque Ribeiro Abranches, ordenaram-lhe a immediata sahida d'aquella cidade, allegando que não podia haver negociações nem pactuações honrosas entre os patriotas do Porto e o governo da capital.

Engulida a injuria, cercada de perigos e de revoltas, desobedecida em todo o paiz a regencia, via terminada a sua acção dirigente, concluida a sua missão historica.

Os de Lisboa revoltavam-se e nomeavam uma outra junta revolucionaria, a principio dissidente da do Porto: a revolução alastrava pelo paiz, progredindo a olhos vistos: por fim as duas juntas de Lisboa e Porto conseguem chegar a um accordo definitivo e a 4 de outubro fazia a Junta do Porto a sua entrada triumphal em Lisboa.

No governo provisorio que então se formou, occupou Antonio da Silveira a pasta dos negocios extrangeiros em 1820, e mais tarde, em 1823, era por D. João VI agraciado com o titulo de visconde de Canellas.